

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

DENISE NUNES FONTANA

**POSIÇÕES-SUJEITO NA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO LIVRO
DE REPÓRTER: UMA ANÁLISE DA OBRA *O NASCIMENTO DE
JOICY***

Frederico Westphalen, RS
2020

DENISE NUNES FONTANA

**POSIÇÕES-SUJEITO NA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO LIVRO
DE REPÓRTER: UMA ANÁLISE DA OBRA *O NASCIMENTO DE
JOICY***

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de Ciências
da Comunicação da Universidade Federal
de Santa Maria, Campus Frederico
Westphalen.

Orientador: Prof. Dr. Reges Schwaab

Frederico Westphalen, RS
2020

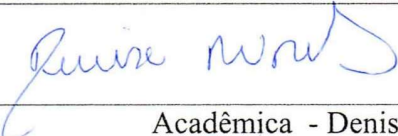


Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Campus Frederico Westphalen
Departamento de Ciências da Comunicação

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 13h30 do dia 23 de junho de 2020, a acadêmica DENISE NUNES FONTANA, do Curso de JORNALISMO - Bacharelado, do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, apresentou à Banca Examinadora o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “POSIÇÕES-SUJEITO NA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO LIVRO DE REPÓRTER: UMA ANÁLISE DA OBRA O NASCIMENTO DE JOICY”, sob orientação do (a) Prof. REGES TONI SCHWAAB e avaliação da Prof. DAYANE DO CARMO BARRETOS e da Prof. CLAUDIA HERTE DE MORAES. A banca definiu que a monografia apresentada obteve média 10.0 e está APROVADA, mediante entrega de versão final com as alterações a seguir descritas:

Banca Examinadora	Nota	Assinatura
Prof. Dr. Reges Toni Schwaab	10.0	
Profa. Ma. Dayane do Carmo Barretos	10.0	
Profa. Dra. Claudia Herte de Moraes	10.0	


Acadêmica - Denise Nunes Fontana

UFSM Campus Frederico Westphalen

Fone: (55) 3744-0600 - Fax: (55) 3744 0619

Endereço: Linha 7 de Setembro, s/n, Caixa Postal 54, CEP: 98.400-000 - Frederico Westphalen-RS

Endereço eletrônico: <http://www.ufsm.br/frederico> - E-mail: ufsmfw@ufsm.br

Temos que falar sobre libertar mentes tanto quanto sobre libertar a sociedade.”

– Angela Davis.

RESUMO

Esta pesquisa propõe compreender de que forma as posições-sujeito se articulam para a construção do livro de repórter a partir da análise da obra *O Nascimento de Joicy: Transexualidade, Jornalismo e os limites entre repórter e personagem*, da jornalista Fabiana Moraes. A monografia tem como problema de pesquisa: como as possíveis posições-sujeito ocupadas pela autora se articulam e afetam a construção do livro de repórter? e adota os procedimentos teórico-metodológicos oferecidos pela Análise de Discurso de linha francesa, ancorados em Pêcheux (1995, 1997, 1983, 1990), Orlandi (2012) e Benetti (2007). A compreensão de livro de repórter como um espaço onde é permitido ao jornalista tecer comentários sobre a prática tem como base Marocco (2011, 2012 e 2015) e Marocco, Zamin e Silva (2019), Lage (1979), Bahia (1990) e Melo (1985). A partir da análise foram identificadas duas formações discursivas: *O jornalismo Informa* e *O jornalismo Questiona* – e sete posições-sujeitos ocupadas pela autora - PS1: *Denunciante*, PS2: *Esclarecedora* e PS3: *Repórter* - PS4: *Semelhante*, PS5: *Teórica*, PS6: *Argumentadora* e PS7: *Reveladora* concluindo-se que as posições-sujeito ocupadas pela autora se articulam ao associarem-se à mesma formação discursiva e apresentarem no discurso diferentes modos de pensar e de praticar o jornalismo.

Palavras-chave: Discurso Jornalístico. Livro de Repórter. Análise de Discurso. Posição-sujeito. Formações Discursivas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ANÁLISE DE DISCURSO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO.....	13
2.1.1 Sujeito Assujeitado	17
2.1.2 Formação Discursiva (FD).....	19
2.1.4 Posição-sujeito (PS).....	22
3. REPORTAGEM.....	25
4. PARA ENTENDER O LIVRO DE REPÓRTER.....	27
5. A REPÓRTER E A OBRA.....	31
5.1 QUEM É FABIANA MORAES?.....	32
5.2 PARA CONHECER O LIVRO.....	35
6. APROXIMANDO ANÁLISE DE DISCURSO E JORNALISMO.....	37
5.1 FORMAÇÃO DISCURSIVA E O DISCURSO JORNALÍSTICO	41
5.2 AS POSIÇÕES SUJEITOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO.....	42
7. JORNALISMO QUE INFORMA E QUESTIONA: A ANÁLISE.....	45
7.1. FD1: O JORNALISMO INFORMA	46
7.1.1. PS1: Denunciante	47
7.1.2 PS2: Esclarecedora.....	49
7.1.3. PS3: Repórter	52
7.2. FD2: O JORNALISMO QUESTIONA.....	54
7.2.1. PS4: Semelhante	54
7.2.2. PS5: Teórica.....	56
7.2.3. PS6: Argumentadora	59
7.2.4. PS7: Reveladora	60
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
9. REFERÊNCIAS	67

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Análise de Discurso

FD – Formação Discursiva

FI – Formação Imaginária

LR – Livro de Repórter

PS – Posição-sujeito

SD – Sequência Discursiva

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca compreender o Jornalismo a partir de seu discurso, mais especificamente, aquele presente no livro de repórter. Percebe-se o jornalista como um sujeito assujeitado, interpelado pela ideologia e que no processo discursivo pode ocupar diferentes posições. Além disso, o Livro de Repórter (LR) é compreendido como um espaço que oferece grandes possibilidades para se pensar o modo de se fazer jornalismo, pois nele o sujeito jornalista tenderia a se mostrar mais livremente. Para a análise proposta, são consideradas as noções-conceito oferecidas pela Análise de Discurso (AD) de linha francesa, a partir do pensamento de Michel Pêcheux. Entende-se papel do jornalista como aquele sujeito que vê, ouve, interpreta e traduz acontecimentos. Além de informar, ele faz parte da rede de produção de sentidos; ao mesmo tempo em que diz sobre algo, constitui e transforma sentidos possíveis.

Tomando o discurso como materialidade da língua, também no jornalismo, é possível ter essa materialidade como algo que organiza a sociedade em relações de força e poder hierarquizadas, onde determinados discursos e sujeitos têm, simbolicamente, mais autorização para falar sobre determinado tema do que outros. Assim, é importante colocar o jornalista nesse jogo de relações e compreender qual posição ele ocupa e qual importância tem o seu dizer. Faz-se necessário destacar que essas relações de força e sentido dão origem as formações imaginárias que se manifestam no processo do discurso (FERREIRA, 2005). Desse modo, pode-se perceber quem diz algo, para quem diz e sobre o que fala – posições-sujeito que não são únicas nem estáticas, mas que se relacionam entre si e com as condições de produção do discurso.

A partir das noções-conceito da AD é possível fazer trabalhar a noção do jornalista como sujeito, e analisar a materialidade jornalística discursivamente. Isso significa compreender os dizeres a partir de uma condição histórica, social, ideológica e em relação a outros dizeres, compreendendo assim que tudo é dito a partir de dizeres outros. As noções de formação discursiva e ideológica permitem alcançar os processos discursivos. É necessário esclarecer esses conceitos de constituição do sujeito e por consequência do discurso, para dessa forma debater o jornalismo por uma perspectiva discursiva e mostrar que o jornalismo não é diferente de outras áreas quando seus discursos são analisados, pois eles também estão inseridos na rede de sentidos e seu papel social vai muito além de informar. Articular esses conceitos é permitir pensar a opacidade do dizer, o equívoco e os deslizamentos do discurso.

Com base nos elementos citados, o livro *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*, da jornalista Fabiana Moraes é analisado discursivamente. No conjunto de classificações disponíveis, o livro pode ser tido como livro-reportagem. Para esta monografia, no entanto, o conceito de livro de repórter é utilizado. Esses dois conceitos não são opostos nem excludentes, mas sim complementares. O livro de repórter é entendido a partir de Marocco (2011), que o concebe como o espaço no qual é permitido ao jornalista exercer uma reflexão sobre o seu processo discursivo, sobre o fazer jornalístico e tudo que nele está implicado. Dessa forma, o livro de repórter é uma outra maneira de se fazer jornalismo, contar histórias, de se interpretar a sociedade. A obra *O nascimento de Joicy* narra a história de uma transexual que vive no interior de Alagoinha (PE) e passa por um processo de redesignação sexual. Nesse livro, Fabiana Moraes faz também uma reflexão sobre os limites entre a personagem e a repórter, contando como se deu essa relação durante o processo do fazer jornalístico e após a publicação da reportagem original no *Jornal do Commercio*, de Recife (PE). A última parte do livro é dedicada a uma reflexão teórica sobre o Jornalismo, momento no qual Fabiana sugere o Jornalismo de Subjetividade.

Graduada em Comunicação Social, jornalista e pesquisadora da área, Fabiana Moraes é professora no Núcleo de Design e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, no Campus do Agreste. Possui mestrado em Comunicação e doutorado em Sociologia. Trabalhou durante vinte anos como repórter especial, colunista e editora-assistente do *Jornal do Commercio*, e é autora de cinco livros, incluindo o livro que serve como objeto de interesse desta pesquisa. Como repórter, Fabiana possui como uma de suas características mais conhecidas o olhar para questões sociais como o racismo, pobreza e sexualidade. Como pesquisadora, a autora traz para o jornalismo questões sobre a subjetividade e a relação entre os sujeitos de uma reportagem.

Em sua experiência profissional como repórter, Fabiana busca refletir sobre a própria prática jornalística, propondo, teoricamente, um jornalismo de subjetividade, “termo nascido não para fazer uma oposição ao objetivo, mas sim uma como uma forma de demarcar a importância do subjetivo” (MORAES, 2019). De acordo com a autora, ao longo dos anos de trabalho, ela observou como o jornalismo servia à naturalização de posições sociais estereotipadas – o lugar do negro, da mulher, da transexual e do nordestino, por exemplo. Essas observações levaram Fabiana a refletir sobre a sua prática e depois sobre o fazer jornalístico como um todo.

O jornalismo é entendido nesta monografia como uma área de atuação que faz parte das relações de poder em(na) sociedade, constituído por múltiplos discursos e sujeitos, mas para além disso, construído por sujeitos múltiplos então, por essa perspectiva, o sujeito-jornalista pode discursivizar de diferentes modos. Em uma pesquisa realizada em diferentes bancos de teses e dissertações e anais de diferentes plataformas e eventos científicos da área nos últimos sete anos, principalmente no banco da CAPES e nos anais do Seminário de Estudos do Discurso (SEAD), foram encontrados diversas pesquisas que buscam identificar o sujeito-jornalista, o processo discursivo jornalístico e os possíveis sentidos produzido por determinado gênero jornalístico. O movimento mais comum é a busca pelo modo que o Jornalismo pode contribuir para a construção da imagem de diferentes sujeitos e a identificação (ou não) das vozes presentes em uma notícia ou reportagem, com um olhar para os sujeitos sobre os quais se fala. Poucas pesquisas voltam o seu olhar para o produtor da reportagem e as diferentes posições-sujeito por ele ocupadas. Mesmo que admitidas, uma delas é tomada para fins de pesquisa, como por exemplo o sujeito-jornalista, o sujeito-repórter ou o sujeito-narrador da reportagem, mas há uma falta na tentativa de articular as posições-sujeito possivelmente ocupadas pelo jornalista.

Entretanto, vale a ressalva de duas teses que servem de apoio e guia para a construção dessa monografia, pois articulam as posições-sujeito ocupadas pelos meios de informação. Schwaab (2011) na tese *Uma ecologia do jornalismo: o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril*, busca debater como o jornalismo dota de sentido sua prática ao tratar da questão ambiental. Para isso, articula posições-sujeito que as revistas analisadas podem ocupar. Já Pacheco (2019) faz um estudo sobre como o jornalismo impresso da Amazônia Legal constrói, discursivamente, os povos indígenas e toma como sujeitos discursivos nove jornais impressos e identifica a partir de formações discursivas as posições-sujeito dentro do discurso produzido sobre os indígenas.

Entendendo que as diferentes posições-sujeito estão sempre associadas ao processo discursivo, a questão-problema que guia a análise foi elaborada: como as possíveis posições-sujeito ocupadas pela autora se articulam e afetam a construção do livro de repórter?

Com o desenvolvimento da pergunta central, a fim de respondê-la, foi articulado o objetivo geral da pesquisa, qual seja, o de investigar o livro de repórter a partir dos efeitos de sentido das posições-sujeito que a autora pode vir a ocupar. Esse objetivo principal origina três objetivos específicos:

- a) Analisar como se dá o processo discursivo do livro de repórter, por meio das posições-sujeito possivelmente ocupadas pela autora;
- b) Compreender o jornalista como sujeito interpelado pela formação discursiva e que pode ocupar diferentes posições, que se articulam para construir uma reportagem;
- c) Identificar como Fabiana Moraes expressa e articula as possíveis posições-sujeito no livro de repórter *O Nascimento de Joicy: Transexualidade, Jornalismo e os limites entre repórter e personagem*.

Para cumprir com esses objetivos, um conjunto de procedimentos metodológicos são adotados a partir do dispositivo teórico-metodológico da AD. Para isso, o ponto de partida é a pesquisa bibliográfica, a leitura e discussão sobre os conceitos e noções encontrados, a fim de estabelecer o modo de trabalho na pesquisa. Os contornos da base teórico-metodológica são apresentados no segundo capítulo, no qual os procedimentos metodológicos são demonstrados. É nesse capítulo que as noções-conceito da AD, fundamentais para alcançar o objetivo central, são apresentados e trabalhados. No capítulo seguinte as especificidades do texto de uma reportagem são debatidas e logo após, no capítulo quatro, é explanado o porquê da escolha em tratar o livro analisado como Livro de Repórter e como olhar para ele dessa forma guia o trabalho. Já no capítulo cinco compreende-se as condições de produção nas quais qual o livro foi escrito, a partir da contextualização social de Fabiana Moraes e uma breve apresentação da obra. O capítulo seguinte faz a aproximação entre os conceitos da AD, anteriormente explanados, com o jornalismo. Nele as singularidades e especificidades do discurso jornalístico são discutidas em relação as noções trazidas pela AD.

No capítulo sete a análise é descrita. Nele são apresentadas as duas formações discursivas (FD) identificadas a partir 175 sequências discursivas (SD) organizadas inicialmente em núcleos de sentido. As FDs foram nomeadas de acordo com seu sentido central, como aconselha Benetti (2007), sendo elas: FD1: *O jornalismo informa* e FD2: *O jornalismo questiona* e filiada a cada uma delas foi possível identificar uma forma-sujeito. À FD1 se relacionam 66 sequências discursivas articuladas entre três posições-sujeito (PS) – PS1: *Denunciante*, com trinta e duas sequências discursivas; PS2: *Esclarecedora*, relacionada em vinte e duas sequências e PS3: *Repórter*, com doze sequências identificadas. Já dentro da FD2 foram encontradas quatro posições-sujeito a partir de 109 sequências discursivas – PS4: *Semelhante*, com trinta e três sequências associadas; PS5:

Teórica e a ela são relacionadas vinte e duas sequências; PS6: *Argumentadora*, com trinta e cinco sequências e PS7: *Reveladora*, identificadas a partir de dezenove SD.

A análise se dá por meio do referencial teórico estudado e a partir da articulação entre as posições-sujeito e as FDs. Assim, foi possível identificar sentidos inscritos a partir de sequências discursivas exemplares, nas quais as marcas discursivas são destacadas em negrito. Por último, são apresentadas as considerações finais dessa monografia. Os resultados em relação aos objetivos são apresentados, bem como reflexões e questionamentos em aberto.

Acredita-se que trabalhar com o jornalismo, a partir das perspectivas discursivas contribui para elucidar questões ainda muito enraizadas no campo, tais como a falsa ideia de objetividade e neutralidade. Compreender de que modo o processo discursivo jornalístico acontece, a partir da articulação de possíveis posições-sujeito ocupadas pelo jornalista, colabora com a reflexão sobre como tornar o Jornalismo cada vez mais fiel à realidade social, sem negar aquilo que o constitui, a relação entre sujeitos.

2. ANÁLISE DE DISCURSO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos desta monografia partem de uma pesquisa bibliográfica a partir de um material existente em bancos de dados científicos, em revistas e universidades, e é constituído principalmente de artigos, livros e teses. A partir desse processo construiu-se o referencial teórico referente ao tema, conceitos e noções que servirão de base para a pesquisa e para a análise.

A partir disso, foram usadas concepções de Livro de Repórter a partir de Marocco (2011, 2012 e 2015), Eichler e Fonseca (2019), Marocco, Zamin e Silva (2019). Para a compreensão sobre o Jornalismo e reportagem, os autores Lage (1979), Bahia (1990) e Melo (1985) fornecem a base teórica.

A Análise de Discurso (AD) é nosso procedimento teórico-metodológico. O discurso jornalístico, portanto, é compreendido como materialidade da ideologia, da historicidade em encontro com a atualidade, a partir de determinadas condições de produção. Em relação a essa aproximação de áreas do conhecimento, Campo e Delanoy (2019) afirmam que:

Ao aproximarmos nossa teoria metodológica selecionada para compor a análise desta investigação, de nossa área de conhecimento, as Ciências da comunicação, podemos entender a materialização das ideologias nos discursos, e dos discursos nas línguas, como manifestações de ocasiões e contextos sociais por meio da própria comunicação. (CAMPO e DELANOY, 2019, p. 2)

Os mesmos autores afirmam que a partir dessa perspectiva o discurso não funciona como um produto, mas sim como o processo discursivo, de que forma o dizer foi elaborado e nos sentidos possíveis. Para isso, o referencial teórico ancora-se em Pêcheux (1995, 1997, 1983, 1990), Brandão (2004), Orlandi (2012) e Benetti (2007), para a compreensão de conceitos fundamentais para a AD, tais como Formação Ideológica, Sujeito, Formação Discursiva, Posições-Sujeito, Formações Discursivas e Condições de Produção. É de comum acordo entre os autores da AD que não se pode olhar para o discurso buscando respostas completas que expliquem o que ele quer dizer, mas é observado o processo de constituição e elaboração discursiva. Campo e Delanoy (2019) destacam também a importância de perceber o analista como sujeito, ou seja, constituído por sua subjetividade, interpelado pela ideologia e por isso a forma de assegurar “o caráter científico da investigação é a fidelidade aos dispositivos teóricos e analíticos encontrados nos estudos

discursivos” (2019, p.15). Ou seja, aquele que analisa o discurso também é constituído a partir da subjetividade, do interdiscurso, e outras noções que a AD apresenta, precisando assim considerar essas questões ao produzir a análise.

Gregolin (2007) entende que a AD é situada em três diferentes campos do saber científico, sendo eles a Linguística – para explicar os processos de enunciação, o Materialismo Histórico – a fim de explicar os fenômenos sociais e o assujeitamento do sujeito pela ideologia e a Psicanálise, que explica a subjetividade e a relação do sujeito com o simbólico. Dessa forma a AD está no entremeio dessas áreas que juntas fornecem o suporte para a compreensão do processo discursivo. Considerando a subjetividade além da ideia de representar as diferentes formas de entender a realidade, pois está ligada ao inconsciente, a AD compreende que “todos esses elementos estão permeados por uma teoria não subjetiva do sujeito de ordem psicanalítica, uma vez que o sujeito é afetado pelo inconsciente” (BRASIL, 2011, p.173). Dessa forma ao se referir à subjetividade o analista do discurso entende que tanto ele quanto o sujeito discursivo estão interpelados pelas condições sociais, históricas e ideológicas na ordem do inconsciente – do psicanalítico.

Além da compreensão teórica das noções-conceito fundamentais para a análise discursiva de um texto, a AD também fornece procedimentos para a realização da análise. Seguindo esses preceitos o primeiro passo foi a leitura flutuante do livro de repórter *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*, e, a partir dessa leitura, foram selecionadas 175 sequências discursivas (SD) e destacadas marcas discursivas. Cada SD foi numerada e identificada de acordo com a parte do livro que foi localizada e as marcas discursivas foram destacadas em negrito.

As SDs foram organizadas, primeiramente, em núcleos de sentidos, para que se pudesse chegar as formações discursivas. Benetti (2007, p.112) explica que “no mapeamento dos sentidos, é preciso limitar o campo de interpretação aos ‘sentidos nucleares’, isto é, a reunião em torno de uma FD, de diversos pequenos significados que constroem e consolidam *aquele sentido nuclear*”. Portanto, após a identificação dos núcleos de sentidos, foi possível identificar e nomear duas FDs – FD1: *O jornalismo informa* e FD2: *O jornalismo questiona* – presentes no livro.

O passo seguinte foi determinar a forma-sujeito para cada FD e partir dela identificar as posições-sujeito, definidas a partir da variação de efeitos de sentidos produzidos. Sete posições-sujeito foram identificadas sendo três associadas à FD1, tais como: PS1: *Denunciante* (trinta e duas sequências discursivas), PS2: *Esclarecedora* (vinte e duas sequências discursivas), PS3: *Repórter* (doze sequências). E outras quatro filiadas à

FD2: PS4: *Semelhante* (trinta e três sequências associadas); PS5: *Teórica* (vinte e duas sequências); PS6: *Argumentadora* (trinta e cinco sequências) e PS7: *Reveladora*, (dezenove sequências).

Para a análise é utilizado um conjunto de sequências discursivas exemplares que produzem efeitos de sentido a partir da articulação entre as FDs e as PS filiadas a elas. Junto a isso, as especificidades do texto jornalístico são consideradas, pois fazem parte do aporte teórico dessa monografia. Em relação a isso Orlandi (2012, p.28) diz:

Feita a análise, e tendo compreendido o processo discursivo, os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu. Nesse momento é crucial a maneira como construiu seu dispositivo analítico, pois depende muito dele o alcance de suas conclusões.

As conclusões em relação à análise seguiram de acordo com o objetivo proposto, uma vez que, segundo Orlandi (2012) é responsabilidade do analista a questão que desencadeia a análise e que “o que defini a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise” (ORLANDI, 2012, p.27). Assim, compreendendo a Análise do Discurso como procedimento teórico-metodológico para esse estudo, a seguir as noções-conceito basilares para a AD são expostas.

2.1 ANÁLISE DE DISCURSO (AD)

O discurso é uma construção pelo dizer inserida em um determinado tempo e espaço, condições de produção que irão influenciar o que é e o que não é dito, também de que forma isso é feito, e no momento da interpretação do dizer as condições de produção são referentes ao receptor do discurso. A Análise de Discurso (AD) é um dispositivo teórico-metodológico que busca compreender a construção discursiva materializada no texto, ou seja, não existe para determinar o sentido do que foi dito, nem a intenção de quem disse, mas, sim, tenta entender o processo discursivo. A AD analisa por que algo está sendo colocado de uma forma e não de outra, o que não foi dito é tão importante quanto aquilo que está à vista do leitor. Essas concepções são feitas levando em consideração a exterioridade social, histórica e as relações constituídas a partir do discurso. Orlandi (2012) explica que a AD de linha francesa busca entender “como” o texto significa, e não “o que”,

a autora diz também que é difícil termos uma definição homogênea sobre o que é AD, contudo na tentativa de explicar a área ela fala sobre algumas de suas funções:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. (ORLANDI, 2012, p. 9)

A AD pode ser utilizada como um instrumento para compreender a complexidade da linguagem. No âmbito dessa pesquisa, ela nos mostra que as palavras escritas no jornalismo, assim como em qualquer outro texto, dizem mais do que seus significados. Elas estão ligadas à história, ao contexto social e outras relações. Desse modo, compreendendo a não neutralidade de qualquer dizer é possível perceber por que o jornalismo isento e neutro não é real. Orlandi (2012) fala que não é possível estar fora das relações estabelecidas pela linguagem e que ela atua de forma não neutra em todos os aspectos, até mesmo naqueles que nos parecem mais corriqueiros. Essa não-neutralidade é oriunda da noção de ideologia, conceito fundamental para a AD de linha francesa, configurada por Michel Pêcheux. O autor se baseia nos preceitos de ideologia do filósofo francês Louis Althusser para compreender a materialidade do discurso e a construção do sujeito.

Para a AD, não é possível pensar um mundo, um discurso, sem que haja a ideologia, ela é necessária para que os indivíduos se tornem sujeitos e sejam capazes de elaborar e interpretar o discurso. Pêcheux toma como partida a ideologia em Althusser, que a compreende como a relação que o indivíduo tem com as suas condições reais de existência. Para Althusser (1980), o indivíduo imagina e representa o seu real e as diferentes ideologias surgem a partir das diferentes concepções do real, das diferentes formas de entendê-lo. Para ele a ideologia é uma materialidade no funcionamento social, concretizada nas relações sociais entre os sujeitos, ou seja, a ideologia está presente nas ações e práticas, naturalizando as relações sociais e ideais abstratos, transformando-os em concretos. Para além disso, a Ideologia organiza e estrutura modos de conhecimentos sobre o mundo e determina relações sociais, a concepção de mundo e os efeitos de sentidos produzidos, por meio da ideologia. Dessa forma, é possível observar a ideologia em funcionamento em cada ação ou tomada de decisão, pois tudo acontece a partir dela, mesmo que sejam as ações mais comuns e simples, pois a Ideologia dá ao sujeito a noção de que algo é do modo que é

porque não existe outro modo de ser. Assim, aquilo que dizemos, para Althusser, é a materialização da ideologia.

Pêcheux desenvolve essa noção de ideologia de Althusser dentro da AD, considerando a linguagem o meio pelo qual a ideologia e o imaginário se tornam reais. O autor diz que toda a língua tem relação com aquilo que não está visível e explícito, com o que já esteve, com o que virá a estar e com aquilo que nunca estará, ou seja, a linguagem se relaciona com todos os aspectos sociais. A linguagem e o discurso estão muito além do que as palavras ditas e escritas, são uma relação entre tudo o que foi ou não dito e o que será ou não um dia falado, o que significa dizer que ao produzir um discurso o sujeito está materializando essas relações sociais e históricas (Pêcheux, 1990). Desse modo é na língua que “se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível.” (PECHEUX, 1990 p.9) Assim os sujeitos utilizam da língua para se tornarem sujeitos, sendo o discurso a sua materialidade e a ideologia a necessidade de representar o real, o social e a história, a partir do imaginário. Por isso é possível afirmar que a língua e o discurso são materialidades nas quais também é possível perceber a ideologia. No discurso é possível observar diferentes aspectos sociais e históricos, pois não há como dizer algo isento de historicidade, da mesma forma que não há como ler e interpretar algum dizer ignorando os mesmos aspectos, os efeitos de sentido são produzidos dentro dessa relação.

2.1.1 Sujeito Assujeitado

É no sentido que Orlandi (2012) traz de AD, como uma forma de questionar aquilo que é dito, que o livro de repórter é aqui analisado e investiga-se se Fabiana Moraes faz esse movimento de colocar questões e problematiza suas produções, por meio da articulação entre as posições-sujeito que pode vir a ocupar. Entendendo a jornalista como sujeito, busca-se compreender as possíveis posições ocupadas por ela, mesmo quando escreve uma reportagem, considerando que são essas posições que poderão trazer à tona críticas e reflexões sobre o que se escreve e diz. Desse modo, é possível compreender o jornalismo de forma mais completa, aceitando as suas complexidades e não neutralidade.

Para entender o que são posições-sujeito, e de que forma elas se articulam na construção de um livro de repórter, é necessário conhecer o que é sujeito discursivo. Pêcheux (1983) diz que o sujeito é constituído a partir de dois esquecimentos: no

esquecimento um ele apaga toda a exterioridade de sua Formação Discursiva (FD), tendo a ilusão de que é a origem daquilo que está sendo dito e dos sentidos produzidos. Ou seja, para dizer algo o sujeito esquece aquilo que já foi dito em outro lugar, ignorando os dizeres de diferentes sujeitos. Dessa forma, Pêcheux explica que o sujeito só fala algo pois acredita que o que está dizendo ainda não foi dito por ninguém, em nenhum outro momento e por isso é necessário que ele diga. Esse primeiro esquecimento faz com que o sujeito acredite que tudo o que diz se originou nele e todos os sentidos produzidos a partir do seu discurso também se originam nele. Assim, ele tem a ilusão de ser o único que disse o que está dizendo de tal maneira.

No esquecimento dois o sujeito tem a certeza de que tudo que é dito por ele é interpretado de modo único pelo seu interlocutor, sem variações de sentidos, independente de tempo e espaço. O sujeito tem a ilusão de que sabe e controla o que diz (Pêcheux, 1983). Ele acredita que o sentido produzido é único e que a forma como diz algo é absoluta, não havendo a possibilidade de alterações de sentido, não aceitando outra interpretação para aquilo que foi dito, além da que ele criou ao dizer.

Em relação a essas ilusões, Orlandi (2012) explica que as palavras não pertencem a um único sujeito e, portanto, não é possível controlar os seus sentidos. Ela afirma: “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2012, p. 32). Ou seja, os esquecimentos ocorrem de modo inconsciente e permitem ao sujeito acreditar que só ele diz aquilo e que o modo como está dizendo é o único de se dizer o que pretende. A autora também explica que os sentidos do que é dito se realizam nos sujeitos, mas eles não se originam neles, apesar da ilusão que assim seja. Os sentidos são “determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade” (ORLANDI, 2012, p.35). Isso leva à reflexão sobre o funcionamento dos discursos e as relações estabelecidas a partir deles, pois os esquecimentos e as ilusões dão ao sujeito a ideia de obviedade, uma vez que ele acredita que é a origem do que é dito e que não existe nenhum outro modo de dizer, acredita também que o que diz é óbvio e que todos os outros sujeitos irão interpretar o que disse do modo que ele espera. A partir dessa obviedade o sujeito ignora outros dizeres e não aceita outros modos de dizer o que quer. Entender que a obviedade é fruto dessas ilusões e dos esquecimentos, significa dizer que o discurso não tem um final, mas sim se configura como um processo discursivo no qual o sujeito produtor não tem controle sobre os possíveis sentidos do discurso, não sendo ele a origem nem o

final desse processo. Ou seja, os sentidos são produzidos por outros sujeitos, que por sua vez também acreditam serem a origem dos sentidos que produzem e os consideram óbvios.

Diante desses esquecimentos e da concepção de ideologia, Pêcheux (1983) desenvolve a noção de sujeito assujeitado, que não produz sentido, mas que é atravessado por diversas formações discursivas e interpelado pela ideologia, não tendo controle sobre aquilo que diz. Por assujeitamento entende-se o “movimento de interpelação dos indivíduos por uma ideologia, condição necessária para que o indivíduo se torne sujeito do seu discurso” (FERREIRA, 2005, p.12). O sujeito não é a origem de ideologias, mas sim constituído por elas, são as ideologias que interpelam o indivíduo em sujeito. Grigoletto (2007, p.1) diz: “o sujeito da AD não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido.” Assim, não se pode tomar o sujeito como a pessoa que diz, pois o sujeito na AD está justamente no dizer. A partir dessas noções é possível perceber a Ideologia como o entendimento que o sujeito tem sobre o que é o real, a verdade e o óbvio. Se é ela que torna o indivíduo em sujeito, é impossível pressupor uma sociedade não ideológica, logo impossível também a concepção de discursos isentos dela.

2.1.2 Formação Discursiva (FD)

A noção de Ideologia leva à compreensão de uma das noções-conceitos mais debatidas na AD, a de Formação Discursiva (FD). Primeiramente elaborado por Foucault (2012), FD refere-se às regularidades encontradas nos enunciados, um conjunto de normas invisíveis que correspondem a determinado tempo e espaço, inseridas na história que definem uma área do conhecimento e social. Foucault afirma:

se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, p.47, 2012)

Pêcheux incorpora essa noção dada por Foucault e desenvolve a sua própria leitura sobre o conceito. Para o autor, a FD está diretamente ligada ao conceito de Formação Ideológica, que por sua vez significa um “conjunto complexo de atitudes e de

representações, não individuais, nem universais, que se relacionam às posições de classes em conflito umas com as outras” (FERREIRA 2005, p.15). Isso significa que cada formação ideológica tem uma forma de representar o imaginário no real e esse modo de representação está relacionado ao conflito de classes e suas relações. Isso ocorre em determinada formação social dada e em um momento específico. É dentro de uma formação ideológica que é possível identificar uma ou mais FDs. Brandão (2004, p.47) explica que “formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas”. Dessa forma os discursos que estão em uma determinada FD, estão também dentro da mesma formação ideológica e é essa última que alinha os discursos em uma mesma Ideologia, mesmo que estejam em diferentes FDs. Assim, os discursos em diferentes FDs podem ainda discursivizar o real da mesma maneira, uma vez que pertencem à mesma formação ideológica. Portanto, os discursos que estão em diferentes FDs estão relacionados e não são opostos, mas de alguma maneira se entrelaçam.

Outra noção importante para o entendimento de Formação Discursiva é a de interdiscurso. Pêcheux trabalha com a aproximação e relação dessas duas noções para trabalhar a AD. Pêcheux (1995) explica que é preciso considerar que tudo que se diz já foi dito antes, em outro lugar, de forma independente, assim o autor fala na noção de discursos plurais. Campo e Delanoy (2019, p.10) explicam que “o interdiscurso, portanto, é a voz sem nome que faz sentido se incorporada em outros discursos”, ou seja, o que foi dito em outro momento e em outro lugar por outro sujeito, mas que está presente no discurso e não existe discurso puro e autêntico, pois todos são plurais contendo em seu interior marcas do que já foi dito em outro momento, por outros sujeitos.

Pêcheux (1995) considera que o processo de assujeitamento interpelado pela Ideologia ocorre por meio do interdiscurso e só ocorre no momento em que o sujeito consegue se identificar com determinada FD. É a partir do interdiscurso que o sujeito que diz busca a coerência para o que pratica dentro da FD que se encontra. Ao se relacionar com determinada FD, sentindo-se parte dos discursos produzidos e aceitando os sentidos produzidos nela, ocorre o assujeitamento. Importante perceber que essas ações, interpelações e identificações ocorrem no âmbito do psíquico, de forma inconsciente, ou seja, não são percebidas pelo sujeito. De fato, é a noção de ser a origem do que diz e pensa que faz com que o sujeito ignore e não perceba o processo de assujeitamento.

A FD determina o que pode ou não se dizer. A história, condições sociais e ideologia trabalham juntas para construir as circunstâncias daquilo que será dito. As

formações discursivas não são fechadas nem estanques, o interdiscurso torna-as flexíveis. Em relação a isso Indursky (2005, p.4) diz que “a Formação Discursiva pode ser entendida como o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem seus saberes regulados pela forma-sujeito e apresenta-se dotada de bastante unicidade”. Assim é possível pensar nas FDs como o modo de dizer, a materialização discursiva que, de acordo com Pêcheux e Fuchs (1997), ocorre em uma formação ideológica dada e motivado pelo estado da luta de classes e que pode se manifestar de diferentes formas, como um cartaz, um livro, um programa. Pode-se complementar a noção de FD com as palavras de Orlandi (2012 p.43):

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito.

Assim, a autora afirma que para compreender como os efeitos de sentido do discurso são produzidos é necessário compreender a FD e como as outras noções-conceito se relacionam com ela. É possível analisar o sujeito inscrito num determinado lugar social e discursivo, o que lhe permite falar a partir de uma formação ideológica e transitar por diferentes formações discursivas, que irão indicar para ele o que pode ou não ser dito. O sujeito é interpelado pela ideologia e por sua posição imaginária em relação aos outros sujeitos para, então, poder dizer.

Mesmo que os dizeres estejam filiados a uma mesma FD, estão em diferentes lugares sociais e por isso podem ocupar posições-sujeito distintas, produzindo efeitos de sentido. Brandão (2004) destaca que a FD não é algo delimitado e fechado, pois os dizeres de diferentes FDs se entrelaçam, os sujeitos podem circular entre as FDs produzindo sentidos diversos. Assim, não se pode fechar os limites de uma FD dizendo que os discursos inseridos nela produzem esses ou aqueles sentidos apenas. A ideia de pensar em fronteiras entre as FDs, ao invés de limites, é o que permite ver o entremeio, elementos que não são separados, mas que em algum determinado momento podem se misturar. Brandão (2004, p.89) diz que é “assim que se pode afirmar que uma FD é atravessada por várias FDs e, conseqüentemente, que toda FD é definida a partir de seu interdiscurso”.

A exterioridade dá ao sujeito o já dito, pois se os dizeres não se originam no sujeito se originam fora dele, mesmo que ele ignore isso. É necessário lembrar que os sentidos produzidos a partir dos discursos, uma vez produzidos por sujeitos, funcionam a partir da Ideologia. Ao produzir um discurso existe a ilusão de que o que está sendo dito é único e de que não pode ser de outra forma, havendo assim o esquecimento dos sentidos já produzidos anteriormente.

Essas noções anteriores se dão em razão da memória discursiva, ou seja, são formulações discursivas inscritas em determinado tempo da história e que são retomadas ou ignoradas pelo sujeito no momento da formulação do dizer. De acordo com Brandão (2004, p.96) “é ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de uma FD, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas”. A autora explica que é no processo de dizer o já dito, num novo discurso, que os sujeitos ressignificam os dizeres e novos sentidos são produzidos. Isso ocorre ao pegar fragmentos de um discurso produzido em determinada condição de produção e reproduzi-lo ou adaptá-lo em outra condição de produção, determinada por um novo contexto histórico social. Assim, é possível perceber a mudança de sentidos produzidos por determinadas palavras ao decorrer dos anos ou também como esses sentidos se alteram se inseridos em diferentes formações ideológicas.

2.1.4 Posição-sujeito (PS)

Para analisar o discurso, independentemente de seu formato – jornal, livro, cartaz – é necessário compreender em que situação ele foi produzido. Campo e Delanoy (2019, p.11) explicam as condições de produção como o “contexto imediato”, observando o sujeito e tudo com que se relaciona ou já se relacionou, levando em consideração o que diz em relação aos “contextos ideológicos e sócio históricos”. Assim, as condições de produção são aquilo com que o sujeito se relaciona, direta e indiretamente, e que se reflete no discurso. São as determinações cultural, histórica, social e também imediatas que se relacionam como sujeito e estão presentes no processo de elaboração do discurso. Ao pensar no discurso jornalístico, por exemplo, as condições de produção seriam o modo de veiculação de uma reportagem, o tempo de produção, o período histórico no qual se produz entre outros fatores que poderão manifestar-se no momento de produção do discurso.

Orlandi (2012) explica que as condições de produção fazem com que o sujeito assuma posições no discurso e que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2012, p.39). Assim, o que é dito depende da posição que o sujeito ocupa (ou imagina ocupar). É por meio dessa perspectiva, por exemplo, que a fala de um jornalista significa mais ou menos do que significa a fala de um governante, pois ambos estão ocupando um lugar discursivo diferente e se relacionam a partir de um jogo de forças e poder que sustentam o que é dito. Dessa forma é possível atribuir valor aos dizeres, considerando que uma posição é mais capacitada para falar de algo do que outra

Com base no que foi explorado entende-se que o sujeito na AD carrega marcas de sua exterioridade e tem a ilusão de ser a fonte do sentido daquilo que diz, ignorando o que já foi dito e o interdiscurso. Pêcheux (1995) explica que o sujeito é preenchido pela forma-sujeito ou sujeito do saber de uma determinada FD. Segundo o autor, a forma-sujeito é como o sujeito do discurso se coloca dentro de FD, ou seja, é como o sujeito se identifica com a FD que o constitui e essa identificação se dá por meio do interdiscurso. Grigoletto (2007, p.2) mostra que a forma-sujeito apreende e incorpora o interdiscurso para depois elaborar seus enunciados no intradiscurso, realizando a “incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso”. Também chamado de sujeito do saber, a forma-sujeito dá a ilusão de unidade do sujeito, pois ao ignorar o intradiscurso e a exterioridade o sujeito acredita que é origem daquilo que diz de forma única, não percebendo as diferentes fontes do saber nem mesmo a possível existência de outros sujeitos, sendo ele o único.

Para Pêcheux (1995), é a partir da relação entre forma-sujeito e FD que surgem as posições-sujeito. Orlandi (2012) coloca também que o sujeito produz imagens de si em relação ao Outro e ao discurso, dentro de uma rede social e histórica. A partir disso surgem as imagens das posições do sujeito, sendo possível pensar as seguintes perguntas: quem sou eu para falar sobre isso com aquela pessoa? - referente ao sujeito emissor - e quem é ele para falar sobre isso dessa maneira ou para que eu fale assim? - na imagem do receptor. Quando se imagina o objeto do discurso se pergunta: Do que estou falando ou do que o outro fala para mim? (ORLANDI, 2012). Esse jogo imaginário coloca o sujeito em posições diferentes, que variam ao longo do discurso e possuem infinitas combinações dentro das relações sociais. É possível observar que dentro de uma mesma FD o sujeito pode ocupar tanto a posição de quem produz o discurso, quanto a de quem o recebe. Ainda, a sua relação de produtor do que diz, por exemplo, pode variar dependendo sobre o que fala e a quem ele se dirige. Podemos pensar como exemplo um estudante, que ao falar para o professor ocupa uma posição, mas ao imaginar o seu interlocutor sendo um colega, se

coloca em outra posição. Mesmo que falando sobre o mesmo objeto e ainda como estudante, a relação de poder estudante/professor e estudante/estudante é diferente, e ao mudar o tema do dizer essas relações também mudam. Nesse jogo de perguntas e de posições deve-se considerar também a existência de um possível leitor ignorado durante a produção do discurso, ou seja, um sujeito que esteve fora do jogo de posições iniciais, mas que também produz sentidos a partir do discurso, podendo colocar o sujeito do discurso em uma nova posição. É nesse jogo imaginário que o discurso é desenvolvido. Sempre que um discurso é construído, imagina-se quem o recebe, ou seja, o sujeito que diz sempre diz para alguém.

É necessário perceber que as posições-sujeitos não são físicas, não são de fato um local o qual o sujeito ocupa, mas sim imaginárias. Assim, o sujeito transita entre essas posições de acordo com o que fala e com quem fala. Pode-se assumir que o sujeito não é único, mas está presente em múltiplas posições. Essas posições, a interdiscursividade e a memória discursiva são noções que estão presentes do discurso, a materialidade da língua para qual o analista do discurso direciona o seu trabalho. No caso desta pesquisa, o discurso jornalístico, mais especificamente o Livro de Repórter, o que implica uma atenção não somente nas noções e conceitos específicos da AD, mas relacioná-los com as características próprias do fazer jornalístico. A AD orienta o olhar para o processo discursivo que nesse caso possui as características das Ciências da Comunicação, suas regras e formas de produção. No capítulo a seguir as particularidades referentes à produção de uma reportagem são discutidas.

3. REPORTAGEM

O Jornalismo é uma área do conhecimento na qual são elaborados diferentes produtos, tais como jornal impresso, telejornais, revistas, reportagens, notícias, programas de rádios – cada qual com seus modos de noticiar e especificidades. Num senso comum o jornalista é visto como aquele que informa e noticia acontecimentos, mas é importante percebê-lo como um agente social cuja função é muito mais complexa. Isso significa que é necessário entendê-lo como um sujeito ou um conjunto de sujeitos que, ao mesmo tempo que diz sobre diferentes temas que acontecem, também modifica e interfere no meio em que está inserido e no discurso sobre esse meio. Isso porque, além de interpretar o real, o discurso jornalístico também agrega significados de diferentes maneiras. Schwaab (2011) explica que o Jornalismo e seus produtos devem ser entendidos como uma construção social, observando tudo que aquilo que se relaciona e interfere significativamente nele e também que “o entendimento das notícias como construções sociais traz consigo a compreensão de que elas são narrativas marcadas pela cultura jornalística e pela cultura em geral” (SCHWAAB, 2007, p.76), ou seja, ambas culturas citadas pelo autor fazem das notícias um discurso elaborado sob condições de produção específicas, pois ao mesmo tempo que estão inseridas nessa cultura e são um reflexo dela.

Dentre os diferentes gêneros textuais jornalísticos está a reportagem, conhecida por muitos como o gênero por excelência, pela amplitude e formato específico dentro do Jornalismo. Diferente da notícia, a reportagem se aprofunda mais no tema tratado, trazendo histórias que ilustram aquilo que se fala e geralmente demanda mais tempo de apuração e produção. Sodré e Ferrari (1986, p. 18) dizem que a diferença entre notícia e reportagem é que “a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo”. Lage (1979) afirma que definir o que é reportagem é difícil, uma vez que ela pode ser vista pela perspectiva de Bahia (1990) e Melo (1985) - que a considera uma notícia ampliada e aprofundada - mas também pode ter origem em temas e fatos que inicialmente não são noticiosos. Ou seja, para Lage a reportagem pode ser um complemento da notícia, mas pode também ser um gênero autônomo e tratar de assuntos que não são vistos nos jornais diários, mas que quando aprofundados tornam-se de interesse público.

De acordo com Lage (2006) e Oliveira (2014) foi no século XIX que a reportagem ganhou força nos jornais, pois começou a ser considerada por leitores e editores um diferencial. Assim, muitos repórteres buscavam assuntos interessantes para serem

aprofundados e explicados com mais detalhes, trazendo para o cenário jornalístico o furo de reportagem, ou seja, um fato ou uma especificidade que ninguém mais sabia. Os jornais que buscavam um destaque diante a concorrência utilizavam as reportagens produzidas como um diferencial, tornando o gênero popular entre os leitores.

Atualmente, as reportagens continuam populares entre o público por apresentarem histórias e fatos em um formato que busca aproximar a vida cotidiana ao acontecimento. De acordo com Motta (2005), as narrativas jornalísticas também são dispositivos discursivos, possuindo assim pretensões ao serem utilizadas, ou seja, essas narrativas exercem poder em diferentes níveis, pois os discursos – jornalístico, publicitário e outros “participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances sócio-culturais, não são só relatos representativos” (MOTTA, 2005, p.3). A partir disso entende-se a reportagem como um instrumento, não somente informativo, mas que ao produzir diferentes sentidos, pode funcionar como mecanismo de manutenção ou mudança de imagens e ideias, dependendo do sujeito que elabora o discurso.

É importante compreender o processo jornalístico de uma reportagem porque o tempo dedicado a cada fase da produção disponibiliza ao repórter mais conteúdo, por conseguinte é necessário que ele faça mais escolhas sobre o que dizer ou não. Esse tempo também pode determinar a aproximação do jornalista com o acontecimento e/ou personagem, pois diferente de uma notícia em um jornal diário, a reportagem permite um aprofundamento. Essencialmente é um gênero narrativo, uma vez que a história (de alguém, de algum lugar ou de um acontecimento) é o principal elemento. Entretanto é preciso lembrar que ao narrar o repórter também descreve, argumenta e utiliza uma abordagem específica escolhida por ele.

A partir disso percebe-se que não há um formato específico de reportagem, mas sim formas de classificá-la. Além disso, outro fator importante de observar é o meio no qual a reportagem é publicada ou veiculada. Rádio, jornal impresso ou telejornais, cada um possui uma exigência de tempo e especificidades e o público receptor pode também ter suas diferenças. Nessa pesquisa, é analisada uma reportagem publicada inicialmente em um jornal impresso, mas depois transportada para o formato de livro. Essa mudança de meio implica também em mudanças estruturais e de conteúdo.

4. PARA ENTENDER O LIVRO DE REPÓRTER

Existe uma estrutura discursiva – cujas definições estão em elaboração - que é o Livro de Repórter (LR). Assim como outras formas de veiculação já citadas, o livro é um espaço que serve como meio de comunicação e para publicação de reportagens. Há no mercado diferentes LR, com temas diversos e modo de escrita particulares de cada autor. É importante estabelecer noções que fazem de um livro escrito por um jornalista uma reportagem, e o caracterizam como algo pertencente à área jornalística. Para isso, é necessário compreender as noções que colocam o livro de repórter como um meio de veiculação jornalística, com suas características próprias e importantes para a compreensão do fazer jornalístico e dos processos de construção e escrita de uma reportagem.

Entendendo o Livro Reportagem como um formato diferente de publicação, Lima (2009) o considera um “veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. O autor ainda argumenta que há dois grupos de livros, aqueles que possuem reportagens primeiramente publicadas em um jornal e outros que, desde o início da apuração, tem seu desenvolvimento pensado para a publicação em formato livro. No que diz respeito às especificidades do LR, o autor complementa:

Mas se alçamos a vista para encarar o fenômeno completo, dinâmico, como um processo de comunicação social moderna, então podemos entendê-lo como um subsistema híbrido, com ligações fundamentais com o sistema jornalismo, em primeiro plano, e com ligações secundárias com o sistema editorial. 8 (LIMA, 2009, p. 38).

Portanto, entende-se que o livro é dependente do mercado editorial, mas ainda assim pode ser considerado um meio de comunicação para o Jornalismo, uma vez que coloca em circulação reportagens. Entretanto, quando publicada em formato de livro, a reportagem não precisa necessariamente cumprir as exigências de jornais comerciais. As condições são outras sendo possível observar nos livros uma característica específica, as marcas do repórter. Observando essas marcas, a presença explícita do jornalista em forma de comentários nos livros, o conceito livro de repórter serve aqui para pensar o livro de Fabiana Moraes. Importante destacar que os conceitos de livro reportagem e livro de repórter não são excludentes nem opostos, mas entender o livro a partir da perspectiva de

LR é lançar o olhar para os traços deixados pelo autora e considerar a crítica das práticas que emerge nesse espaço do livro.

Desse modo, o livro de repórter apresenta algo além da reportagem. O repórter está presente na escrita por meio de suas reflexões, opiniões e também como o narrador da história que conta, fazendo-se presente no momento da observação dos fatos e também da escrita. Diferente de notícias e reportagens em meios de comunicação tradicionais, como o jornal impresso, o livro de repórter não procura apagar (ilusoriamente) o jornalista, havendo nesse movimento uma ruptura naquilo que socialmente é aceito como um texto jornalístico, que idealmente buscaria a objetividade e a neutralidade. Nessa lógica, Zamin (2011) afirma:

Em tais livros, os repórteres narram a construção da reportagem e, ao fazer isso, desvelam as práticas – quer de apuração, de observação ou de coleta de dados – e tecem comentários ao elaborarem formulações para além do que está cristalizado no âmbito do saber jornalístico. Deste modo, tomados como objetos de estudo, os “livros de repórter” suscitam questões que permitem problematizar o regime das práticas e complexificar a compreensão do próprio jornalismo. (ZAMIN, 2011, p.394)

É possível compreender o livro de repórter como uma forma diferente de se fazer jornalismo, um novo formato, no qual a reflexão e a crítica sobre o fazer jornalístico fazem parte do próprio processo de construção e de escrita. Marocco (2011) afirma que o texto do livro de repórter se utiliza do jornalismo para dele criar outro texto, também jornalístico, que desvende “certos processos jornalísticos, ou a crítica dos mesmos, em operações de produção de sentidos, em que o jornalista, naturalmente, fará um exercício de interpretação criativa do que é considerado jornalismo” (MAROCCO, 2011, p. 5).

Marocco (2011, p.117) considera que os livros “apresentam o exercício do jornalismo de outro modo e que são importantes para a constituição de um saber das práticas jornalísticas. Isso não significa o enquadramento de todos os livros do gênero”. Ou seja, cada livro tem sua particularidade, seu modo de escrita e de ser, não sendo uma regra o modo pelo qual se constrói o livro de repórter, o importante é tomar o livro de repórter como outro meio de praticar o jornalismo que se diferencia de outros formatos, até mesmo do livro reportagem. De acordo com Eichler e Fonseca (2019, p. 327), os livros-reportagem “exploram a reportagem em profundidade, mas não trazem necessariamente uma crítica do

jornalismo”, o que aponta para o fato de que os livros de repórter trazem uma crítica e uma reflexão sobre o jornalismo e suas práticas.

Muitos são os manuais e teorias que ensinam como escrever uma notícia e reportagem, todos prezando pela utopia jornalística da neutralidade e objetividade. Traquina (2005, p.19) traz que a maioria dos livros e manuais sobre o tema “definem as notícias, em última análise, como tudo o que é importante e/ou interessante, algo que inclui quase tudo sobre a vida”. Porém é preciso compreender as práticas jornalísticas como um processos discursivos e para isso Marocco (2015) explica que elas “são constituídas por um corpo de regras anônimas e históricas, determinadas no tempo e no espaço” (MAROCCO, 2015, p.75). Nessa perspectiva, os dizeres jornalísticos são subjugados à tais regras e condições de produção, pois devem seguir o comportamento referente às práticas jornalísticas.

Já, no livro de repórter, o jornalista tem a permissão para não seguir, necessariamente, todas essas regras, tanto no que diz respeito à escrita, como aos processos de apuração, escolha de fontes e espaço dedicado a cada um dos elementos que irão compor a reportagem. É no espaço do livro também, considera Marocco (2015), que se materializam as reflexões do jornalista. A autora explica que os jornalistas tendem a buscar outros lugares de narrar pois dentro das redações não há tempo nem espaço para tais reflexões. Segundo Marocco (2015, p.82), “a diferença se dá em relação ao processo de produção, ao espaço e tempo jornalísticos e à elaboração das técnicas e dos procedimentos, que desnivelam a consciência prática da consciência discursiva”, ou seja, mesmo que pretenda fazer a crítica ao jornalismo, o profissional não encontra nas mídias tradicionais espaço para isso. Sendo assim, o livro de repórter permite observar uma complexidade do fazer jornalístico, levando em consideração o sujeito e as condições de produção.

Esse movimento de reflexão sobre o jornalismo, suas práticas e teorias, é feito por Fabiana Moraes, autora do livro que é objeto empírico desta pesquisa. A jornalista trabalhou durante vinte anos para o *Jornal do Commercio* e foi a partir de sua experiência profissional que surgiram as reflexões sobre o jornalismo. Moraes (2019) explica que ao longo dos anos de redação pode observar o quanto o jornalismo também é responsável pela continuidade de discursos excludentes e silenciadores e que por isso passou a refletir sobre a própria prática.

No livro *O nascimento de Joicy* (2015), depois da reportagem que dá título à obra, a jornalista desenvolve teoricamente o conceito de jornalismo de subjetividade, trazendo uma discussão sobre a importância de assumir essa posição subjetiva, não em oposição à

objetividade, mas sim como um caminho para jornalismo mais humanizado. Aqui, Fabiana entende a subjetividade como um elemento que constitui o jornalista e se reflete na escrita, como um modo de falar sobre a realidade. Entretanto, não é somente neste livro que Fabiana reflete e oferece interpretações críticas ao jornalismo. Foi ao perceber que o discurso jornalístico perpetua estereótipos e naturaliza posições sociais ao abordar determinados temas sempre da mesma maneira, permitindo que sempre os mesmos sujeitos falem e colocando outros sempre nas margens sociais, que a jornalista optou por fazer diferente, dando uma nova perspectiva a temas sempre abordados da mesma maneira. Assim, tenta romper com preceitos do jornalismo objetivo, pois busca mostrar o seu olhar sobre os temas, levando ao leitor informações, mas também uma nova forma de refletir e pensar sobre as temáticas tantas vezes já expostas, sempre da mesma forma, pelos jornais.

A reportagem sobre Joicy foi primeiramente publicada no *Jornal do Comercio*, para depois ser transportadas para o formato de livro, caracterizado como livro de repórter. Nele a repórter volta à reportagem inicial tecendo uma nova leitura sobre aquilo que já está escrito. Marocco (2015) considera o livro de repórter como uma mídia jornalística na qual há espaço para comentário “sobre a prática jornalística que não tem lugar no jornalismo senão ali, onde os repórteres encontram tempo para proceder a uma análise epistemológica reflexiva” (MAROCCO, 2015 p.84). Portanto, é nesse espaço que Fabiana Moraes, além de apresentar a reportagem, faz uma reflexão e crítica sobre diversos pontos do jornalismo que exercita. Com isso optou-se por analisar o livro de repórter no qual Fabiana Moraes deixa claro o movimento de refletir sobre a prática jornalística e tece comentários sobre a experiência durante o processo de construção da reportagem.

5. A REPÓRTER E A OBRA

Para compreender melhor algumas das condições de produção no momento da escrita da reportagem, considera-se importante destacar o contexto no qual a reportagem *O nascimento de Joicy*, foi escrita. Fabiana Moraes já havia produzido outras reportagens especiais para o Jornal do Commercio e recebido dois prêmios Esso (2007 e 2009)¹ entre outras premiações², o que a coloca em um contexto de produção privilegiado, uma vez que no momento em que escreve a reportagem possui uma determinada credibilidade no campo jornalístico. Isso lhe oferece uma certa liberdade – ainda que medida pelas determinações organizacionais do veículo para o qual trabalha – o que lhe permite percorrer o caminho de produção de acordo com aquilo que acredita ser melhor. A partir disso entende-se que foi necessário percorrer um caminho profissional para que então pudesse desenvolver reportagens a partir de uma perspectiva diferente, desenvolvendo reflexões e debates sociais. Portanto, entende que o contexto profissional de Fabiana é diferente do contexto de muitos outros jornalistas que muitas vezes não tem tempo nem espaço para produzirem do modo como Fabiana Moraes produziu a série de reportagens *O nascimento de Joicy*.

A fim de identificar as possíveis posições-sujeito e como elas se articulam na construção discursiva do livro de repórter, julga-se necessário conhecer mais a fundo a jornalista e o livro analisado. Entender o ambiente no qual a reportagem e o livro foram escritos é fundamental para estabelecer as condições de produção do discurso. Conhecer melhor Fabiana Moraes, por meio de entrevistas e de falas, fornece material para contextualizar tanto a obra quanto a repórter nessa pesquisa. Em relação a isso, Benetti (2007, p.111) destaca que “uma pesquisa sobre o texto jornalístico não precisa contemplar o detalhamento de todas as condições – ainda assim, é fundamental que o analista mantenha, como horizonte da pesquisa, consciência da complexidade de seu objeto”. Por isso o aprofundamento em relação quem Fabiana Moraes representa ser socialmente e sobre a obra analisada é considerado um modo de aproximar-se das condições de produção do objeto de interesse dessa pesquisa.

¹ Fabiana Moraes é ganhadora do Prêmio Esso Regional por *A Vida Mambembe* (2007) e do Prêmio Esso de Jornalismo por *Os Sertões* (2009).

² Fabiana Moraes ganhou dois prêmios Cristina Tavares por *Os Sertões* (2009) e *Quase Brancos, Quase Negros* (2010). E no momento de escrita da reportagem *O Nascimento de Joicy* havia sido duas vezes finalista do prêmio Jabuti (categoria livro reportagem) com *Os Sertões* e *Nabuco em Pretos e Brancos*.

5.1 QUEM É FABIANA MORAES?

Fabiana Moraes é uma jornalista que busca fazer do Jornalismo uma ferramenta de transformação social. Acredita que o é necessário realizar um debate sobre a racionalidade excludente, tanto dentro do campo jornalístico – entre os profissionais da área – quanto fora, por meio das produções. A fim de compreender as possíveis posições-sujeito que a jornalista ocupa no livro de repórter analisado e como elas se articulam na construção do discurso, é importante saber e compreender a visão que Fabiana Moraes tem em relação ao fazer jornalístico. Isso permite depreender o contexto histórico e social da jornalista, deixando o caminho para enxergar a intertextualidade um pouco mais livre. Para tanto são utilizadas entrevistas concedidas por ela em distintos canais (2017, 2018, 2019 e 2020).

Como jornalista, Fabiana Moraes tem um olhar diferenciado, pois tende a perceber nas personagens de suas reportagens o potencial da história que elas podem contar, além da história que muitos contam sobre elas. Fabiana busca tirar a visão rotulada sobre esses sujeitos, muitas vezes taxada pelo próprio jornalismo. Esta forma de pensar e fazer o jornalismo é um modo diferente de falar sobre o mesmo tema, não significa melhor ou pior, mas uma nova abordagem. É importante destacar que não existe jornalismo heroico, reportagem libertadora e jornalistas salvadores. Fabiana faz um movimento, que outros profissionais e teóricos também fazem, de questionar as práticas e técnicas jornalistas, se perguntando: As teorias e práticas de escritas dão conta de falar da perspectiva dos marginalizados? Isso porque percebem que os sujeitos marginalizados estão sim na mídia, com bastante frequência, mas sempre representados da mesma forma, ou como coitados precisando serem salvos ou como culpados por algo.

Essa visão estereotipada sobre determinados sujeitos, especialmente os minorizados, levou Fabiana à reflexão sobre o fazer jornalístico e o seu papel como comunicadora. Em relação ao discurso jornalístico que estigmatiza os sujeitos, ela diz (MORAES, 2019, p.415):

A naturalização com a qual violências de diversos níveis surgia no discurso jornalístico do qual eu fazia (e faço) parte causava espanto: pessoas assassinadas sentenciadas como culpadas por terem “provável ligação com drogas”; mulheres vítimas de machismo mortas “por ciúme”; travestis que surgiam apenas nas páginas policiais ou se prostituindo; a questão racial sendo reduzida a efemérides; o sertão como o lugar dos famintos à espera de um milagre; a pobreza enquadrada como vítima, violenta ou “a que supera adversidades”.

Assim, percebe-se que Fabiana vale-se da reflexão sobre o fazer jornalístico, incluindo também sobre a sua própria prática, para produzir reportagens que contribuam para a quebra de estereótipos de determinados grupos sociais, considerando a necessidade de representar os sujeitos de forma mais justa e integral, questionando a forma universalista de fazer jornalismo. Durante a escrita do livro de repórter *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* (2015), a jornalista desenvolve o conceito de Jornalismo de Subjetividade como forma de “repensar epistemologicamente os modos padronizados de narrar o mundo empregados pelo jornalismo” (MORAES, 2019, p.414). Fabiana faz, no terceiro capítulo do livro de repórter, uma retomada das Teorias do Jornalismo, explanando que nem sempre as teorias e técnicas jornalísticas proporcionam ao jornalista as ferramentas necessárias para lidar com o dia a dia da prática e tão pouco a objetividade é algo alcançável.

A partir da reflexão teórica a autora compreende que não há como negar a subjetividade, portanto considerá-la durante o processo de produção é uma necessidade e isso não significa um jornalismo “contaminado”. Assumir um ponto de vista, e o ativismo, não é o mesmo que fazer jornalismo de má qualidade, pois ainda que adotando esse movimento, é fundamental utilizar as técnicas básicas e essenciais para o jornalismo como a apuração dos fatos, pesquisa e uma produção polifônica. O diferencial se dá ao utilizar essas ferramentas como forma de permitir que sujeitos silenciados socialmente usem a própria voz (MORAES, 2019). Desse modo é possível compreender que para Fabiana a subjetividade está ligada ao ativismo, a assumir um ponto de vista e uma forma de analisar os acontecimentos do mundo. A autora diz que não há como fugir da perspectiva ativista, mesmo que os grandes jornais brasileiro a ignorem e se dizem isentos, pois desde a escolha da pauta o ativismo está presente e que “é a pauta que vai definir inicialmente se a abordagem vai procurar avançar do senso comum ao senso crítico” (MORAES, 2020), ou seja, determinar permanecer no senso comum, sem promover uma reflexão sobre o tema é uma escolha. Assim, é necessário entender que o ativismo não está apenas relacionado ao campo político ou posições passionais extremas, mas também à decisão (ou não) de se manter a discussão sobre algo num campo comum, sobre o pretexto de ser isento e neutro.

Mulher, negra e pernambucana, Fabiana traz as inquietações sobre esses temas para sua prática jornalística, seja em forma de reflexões e autocrítica ou diretamente para a produção. Em 2017, em entrevista para o quadro Todos os Gêneros, no canal do *YouTube*

do Itaú Cultural,³ a jornalista diz que a partir do momento que determinados temas despertam nela um interesse, mesmo que sejam sobre questões que ela não experienciou durante sua vida, eles geram questionamentos, não por causa das diferenças entre as pessoas, mas sim por causa daquilo que Fabiana consegue ver de igual nessas histórias, gerando identificação. Nesse mesmo ponto de vista, em entrevista para o Centro de Crítica da Mídia⁴ (2018), afirma que apesar do jornalismo sempre trabalhar com as diferenças, ela acredita que existem mais questões que unem as pessoas do que as separam, explicitando porque volta seu olhar para aquilo que enxerga de igual no outro, possível de se relacionar. É desse modo que pensa o jornalismo e a função que exerce socialmente, contando a história de pessoas de um modo que ela não vê sendo contado, fazendo com que as personagens se sintam protagonistas de suas histórias, sentindo-se representadas pelo que está sendo escrito e representando tantas outras pessoas que não se reconhecem naquilo que leem ou veem nos jornais. Ela traz para o jornalismo os estranhamentos geográficos – como em *Os Sertões* - de cor de pele, a exemplo de *Nabuco em Pretos e Brancos* e de gênero, com *O nascimento de Joicy*. Estranhamentos esses que a própria jornalista sofreu e com isso ela tenta aproximar as pessoas por meio do jornalismo.

Fabiana faz uma crítica aos critérios de noticiabilidade propostos repetitivamente pelo campo jornalístico. Ela fala que é importante fazer uma reflexão a respeito das categorias e esquematizações, que exigem que o jornalista determine o que e quem é mais noticiável. “Se eu assumo que algo vai ser mais noticioso por conta do protagonista daquela notícia, eu estou assumindo que várias pessoas não são notícias, porque elas não são ninguém” (2018), diz em entrevista ao Centro de Crítica da Mídia. Essa visão nos faz perceber Fabiana como uma profissional que busca discutir e compreender o campo do qual participa, atitude que se reflete no seu trabalho. O ato de pensar no que e para que se faz jornalismo é necessário em todos os aspectos da profissão. Em relação a isso, Fabiana diz ao Portal Mescla⁵ “como é que você escreve sobre algo que você não pensa? O você está produzindo sobre o mundo quando você não pensa sobre ele?” (2019).

Ao falar do trabalho de Fabiana Moraes é importante destacar a sua defesa da subjetividade que, como dito anteriormente, não está contra a objetividade, nem significa renunciar a técnicas de apuração, mas sim assumir a existência de um sujeito múltiplo que produz reportagens e notícias a partir de um lugar social e organizacional, condicionado por

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_fdyunfDx1k> Acesso em: 12 maio 2020

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mmR98NP4qKQ>> Acesso em: 12 maio 2020

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tXgz9RFxO10&t=3s>> Acesso em: 12 maio 2020

isso. Diante dessas questões entende-se que a isenção e neutralidade são mitos criados e impossíveis de alcançar, mas nos quais a imprensa brasileira cresceu e ainda se baseia. Essa falsa ideia de objetividade plena é usada como acobertamento de estereótipos reforçados pelo jornalismo. Com a desculpa de que apenas reproduz o que vê, o jornalista se esquivava da culpa de dizer o que disse, do modo como disse, pois um profissional isento não toma partido. Nesse sentido Moraes (2019, p.430) lembra que “tomar partido é algo que está no DNA do jornalismo”, em entrevista para o portal do Objethos⁶ (2020), Fabiana complementa essa visão: “Jornalistas são filtros, seres pensantes. A negação disso é a negação do próprio jornalismo” (MORAES, 2019). Justamente a partir dessa perspectiva que devemos olhar para as produções de Fabiana, de uma jornalista que entende a importância de tomar partido, de assumir a subjetividade e o ativismo.

Em relação a Fabiana Moraes, e ao pensamento que possui a respeito das práticas jornalísticas, permite compreender o contexto dos dizeres por ela produzidos. Considerando Fabiana uma jornalista que, por meio do jornalismo, lança luz sobre sujeitos invisibilizados – como forma a permitir que usem a voz que já tem – que buscaremos compreender as posições-sujeito por ela ocupadas e como se articulam na construção do livro de repórter.

5.2 PARA CONHECER O LIVRO

O livro “O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”, tem 247 páginas e é dividido em três partes principais: *A reportagem; Aproximação e Distanciamento e O subjetivo como elemento político*. Conta ainda com capítulos de Apresentação - escrito pela jornalista e doutora em Serviço Social, Sylvia Moretzsohn e Introdução, momento no qual Fabiana apresenta as reflexões feitas ao decorrer do livro, sobre o fazer jornalístico, a ética, as dificuldades e jornalismo de subjetividade.

Na primeira parte está a série de reportagens publicada em abril de 2011 pelo *Jornal do Comercio*. Ela está no livro tal como foi veiculada no jornal, sem atualizações ou alterações no texto. As reportagens contam a história de uma ex-agricultora que procura o serviço público de saúde para adequar seu corpo masculino ao feminino, gênero com o qual se identifica. Fabiana descreve o processo pelo qual Joicy passou, as dificuldades e relações com médicos, familiares e amigos. A jornalista descreve o dia a dia da cabeleireira Joicy, a

⁶ Disponível em: <<https://objethos.wordpress.com/2020/05/19/fabiana-moraes-toda-pratica-jornalistica-e-posicionada-e-ideologica/>> Acesso em: 21 de maio de 2020.

casa e a comunidade onde vive – em Perpétuo Socorro, interior de Alagoinha (PE) – também conta sobre a vida da personagem, desde a infância como menino que ajudava o pai na roça até a redesignação sexual. Fabiana narra como chegou a Joicy, quando foi até o Hospital de Clínicas, no setor de ginecologia, procurar por mulheres na fila para a cirurgia que estivessem dispostas a compartilhar suas histórias. Eram nove, entre elas Joicy, cinquenta e um anos, e a única diagnosticada com distúrbio de identidade, por isso a próxima da fila a realizar o procedimento.

No segundo momento, Fabiana narra como se deu a produção das reportagens, percorrendo momento da a mesma história contada antes, mas com comentários da produção e sobre a relação de entre ela e Joicy. Para isso, a jornalista revisita momentos, como quando Joicy visita a mãe, não para contar novamente o encontro entre mãe e filha, mas sim para deixar suas impressões sobre o acontecido. Ela conta também sobre Joicy no pós-reportagem, os questionamentos da cabeleireira em relação a honestidade da jornalista e as viagens para receber os prêmios que a reportagem rendeu. Nessa parte a repórter descreve situações em que entrou em conflito com a personagem e fala sobre suas concepções e decisões em relação a eles. É nesse momento que se pode perceber a repórter, a pessoa que está acompanhando alguém para contar uma história. Essa parte apresenta dois sujeitos, suas histórias entrando em conflito, discussões e desentendimentos. Fabiana mostra os bastidores da reportagem, mas também reflete sobre o contato que ela e Joicy mantiveram após a publicação e repercussão da história.

Na terceira parte, a autora propõe uma discussão teórica sobre a produção jornalística, levantando questões éticas e propondo um jornalismo de subjetividade. Nas palavras de Fabiana Moraes, apresenta “caminhos para o que chamamos de jornalismo de subjetividade, no qual não são negados, e sim considerados, os elementos que escapam à técnica jornalística” (MORAES, 2015, p.24). Neste momento, Fabiana fala teoricamente do jornalismo, de jornalista para jornalista, fazendo observações críticas à área e propondo uma nova forma de pensá-la.

6. APROXIMANDO ANÁLISE DE DISCURSO E JORNALISMO

O jornalismo oferece textos que, inseridos em um contexto, buscam informar sobre algo. É constituído pelo discurso e tem nele o seu produto e resultado. Benetti (2008) apresenta o Jornalismo como um gênero discursivo. Para isso, lembra Charaudeau (2004) que afirma que existem pelo menos quatro pontos de vista para compreender gêneros dentro da AD: funcional, enunciativo, textual e comunicacional. O comunicacional se torna mais adequado, na visão da autora, para o pensar o Jornalismo como gênero do discurso, pois nele as questões sobre condições de produção, circulação e interpretação estão associadas. “Desse ponto de vista, há diversos modos de abordagem dos gêneros, mas todos se articulam sobre relações históricas e sociais que não ignoram as condições de fala, interpretação e constituição da memória” (BENETTI, 2008, p.15), ou seja, esse ponto de vista abrange de forma mais completa a complexidade do discurso jornalístico.

É preciso compreender o jornalismo como um sistema que possui seus processos próprios e singularidades, ainda que ligados diretamente a realidade social e trabalhando em conjunto com outras áreas do conhecimento. É nessa lógica que Benetti (2007, p.110) afirma que “o jornalismo é um modo de conhecimento: ele tanto produz um conhecimento particular sobre os fatos do mundo, quanto reproduz os conhecimentos gerados por outros atores”. Assim, o discurso jornalístico deve ser analisado observando a tais particularidades.

Quando uma notícia ou reportagem é publicada, independentemente do modo de veiculação, são produzidos diferentes sentidos, tanto em relação aquilo sobre o que se fala quanto sobre o próprio fazer jornalístico. Um dos principais sentidos observados em relação ao jornalismo é o de neutralidade na informação. Entretanto, a ideia de neutralidade absoluta e isenção é utópica. Isso porque o jornalista, como sujeito, deixa no texto suas impressões de ideologia, articulando e produzindo sentidos diversos, dentro de uma rede de poder e saber. Assim, pode-se dizer que o discurso jornalístico é produzido a partir de uma ou várias posições ocupadas pelo sujeito.

A partir disso, Orlandi (1995) destaca que os sentidos produzidos acontecem a partir de uma posição-sujeito e que ao dizer algo ele – o sujeito – está, necessariamente, não dizendo outro. “Dizer e silenciar andam juntos” (ORLANDI, 1995, p. 55), ou seja, não importa qual seja o discurso, para dizer algo é necessário deixar de dizer também, tornando o silenciamento de determinados sentidos inevitável. A autora complementa: “há não ditos que representam um apagamento do sentido” (ORLANDI, 1989, p.43). O que é dito produz

sentidos diversos, mas também apaga sentidos a partir do que não foi dito. O jornalismo tem a função social de informar, e faz isso por meio da linguagem, assim, também utiliza de não ditos para produzir sentidos, logo é possível entender que o discurso jornalístico também é responsável por apagamentos de sentido na sociedade. Nesse caso não significa apenas escolher determinada pauta, esquecendo ou apagando outra, mas sim de que modo a história que está sendo narrada é dita.

Diante disso é possível pensar que, para o jornalista, a escolha do que deve e o que não deve ser dito, ou como isso deve acontecer, é óbvia e consciente, mas nem sempre é. O deixar de dizer algo de determinada forma nem sempre acontece de modo intencional, para se esconder alguma informação ou para criar determinado sentido específico, mas o simples fato de optar por um modo de dizer, exclui outro. Lembrando que como sujeito o jornalista reproduz ditos e não ditos anteriormente discursivados (ou não). Benetti e Jacks (2001) dizem que o texto jornalístico produz sentidos por meio daquilo que manifesta ou deixa de manifestar e que analisar esses sentidos “significa ainda mapear as diversas vozes presentes no discurso, mas, também, as vozes que nele não têm lugar” (BENETTI E JACKS, 2001, p.1), ou seja, a AD pode olhar para o discurso jornalístico buscando identificar também as vozes silenciadas por ele.

Essa noção é necessária para compreender que todo e qualquer discurso é muito mais do que as palavras ditas ou escritas. Orlandi (2006) diz que ao analisar o texto em seu funcionamento é preciso “pensá-lo em relação às suas condições de produção, é ligá-lo a sua exterioridade”. Ou seja, para analisar um texto jornalístico é preciso olhar para a estrutura do texto, mas também para fora dele, identificando as condições de produção. É importante dizer que a relação entre o sujeito e as condições de produção estão inscritas no texto, “a própria textualidade traz nela mesma sua historicidade, isto é, o modo como os sentidos se constituem, considerando a exterioridade inscrita nela e não fora dela” (ORLANDI 2006, p. 16). Isso significa que o próprio discurso apresenta elementos para que sejam compreendidas a exterioridade, o intradiscurso e demais noções que a AD permite que sejam analisadas, incluindo as possíveis posições-sujeito.

Ao entender o não dito como parte constitutiva do discurso, pode-se compreender que ele também produz sentidos e revela uma possível posição da qual se fala. Se não há como dizer tudo o que se observa, nem fazer com que todos os sentidos possíveis sejam produzidos a partir do texto, fica claro que o jornalista faz escolhas ao construir o texto. Essas escolhas são realizadas durante o processo de escrita e resultam de uma condição de produção específica, que envolve o meio de produção, a organização, a pauta sobre a qual

se fala e também as questões sociais, históricas e ideológicas do próprio jornalista. Em relação à produção jornalística, utilizando a construção da notícia como exemplo, Sousa (2002, p.5) afirma:

as notícias são histórias que resultam de um processo de construção, lingüística, organizacional, social, cultural, pelo que não podem ser vistas como o espelho da realidade, antes são artefactos discursivos não ficcionais -indiciáticos- que fazem parte da realidade e ajudam-na a construir e reconstruir.

Ou seja, não basta compreender o jornalismo como uma área que narra a realidade por meio de fatos, mas sim como um discurso que constrói o real, a noção de mundo e sociedade, produzindo sentidos na memória discursiva coletiva e social. Então, se ao dizer algo o jornalismo também silencia, pode-se pensar que esse silenciamento pode ser constituído e naturalizado na sociedade também. Isso porque o discurso jornalístico contribui para transformação, cristalização e apagamentos de certos sentidos. A linguagem, assim como o Jornalismo, é uma ação social e por isso ambos devem ser analisados além da formalidade. É necessário olhar para os demais aspectos extralingüísticos e a relação entre eles, levando em consideração a complexidade em que o discurso é produzido. A AD prioriza elementos que estão além do ato comunicativo em si. Na visão de Pêcheux (1983), a língua não serve apenas para transmitir informações ou para anunciar algo, mas trabalha em relação ao contexto social, histórico e ideológico em que um determinado enunciado foi produzido. O discurso, sempre, contém elementos ideológicos e sociais. Então o jornalismo existe nos discursos que produz, na língua, e por isso o seu papel não tem como ser apenas informativo, mas é também social, histórico e ideológico.

O discurso jornalístico possui características e modos de funcionamento que o colocam em uma posição de destaque na relação de construção de sentidos sociais. Dessa forma é preciso fazer uma reflexão constante sobre a forma em que se coloca na sociedade, em razão disso é importante olhar para o processo discursivo que o jornalismo constrói. Compreender o sistema da língua é necessário para se fazer interpretações e compreender aquilo que se fala, porém olhar para o processo discursivo é ir além. Pêcheux (1995) diz que o uso da língua por diferentes sujeitos é o que cria o processo discursivo.

o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto,

não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados [...] (PÊCHEUX, 1995, p.91)

Assim sendo, entende-se que a língua é o que há em comum, mas o processo discursivo se diferencia a partir dos sujeitos que colocam a língua em uso. Brandão (2004) compreende os protagonistas do discurso não como forma física (essa ou aquela pessoa), mas sim a representação dos lugares ocupados na estrutura social pelo sujeito do discurso. Dessa maneira, os sujeitos acabam imprimindo no discurso marcas dos lugares que ocupam socialmente. Ou seja, em uma sociedade hierarquizada por classes sociais, onde uma se sobrepõe sobre outra, marcas e sentidos produzidos pelo discurso dependem da relação entre os sujeitos. Por essa razão entende-se que o lugar ocupado por um médico é superior ao do paciente, e que o jornalismo também ocupa um lugar mais elevado no que diz respeito a constituição do real. Assim, os enunciados mudam de sentido de acordo com o lugar ideológico/discursivo e as posições ocupadas pelos sujeitos no interior do discurso.

A fim de que seja possível realizar o movimento de visibilizar o que não está sendo dito, é necessário olhar para os sentidos que o jornalismo produz buscando compreender os sentidos que ali não estão expostos. Moraes (2015, p.186) acredita que isso não significa ir em busca de pautas nunca trabalhadas pelo jornalismo, mas que “nessa abordagem jornalística, não se trabalha exatamente em cima de uma novidade, mas daquilo que está tão exposto que se torna invisível”, ou seja, trata-se de dizer de outra modo, produzindo novos sentidos. Claro que os sentidos produzidos não estão em controle, mas ao perceber que determinados enunciados produzem sempre os mesmos sentidos, criando assim uma única imagem em relação ao que se fala, cabe ao jornalista identificar novos enunciados, novas formas de dizer, para assim criar novos sentidos possíveis. A AD apreende a linguagem como interposição entre o homem e a realidade e isso ocorre por meio do discurso. É com a linguagem e por meio das práticas discursivas que o sujeito compreende e cria a realidade, sendo possível de transformar e transformar-se. Assim, considerando o jornalismo como um discurso acessível aos demais sujeitos, é preciso que ele seja pensado também por meio da AD, pois o discurso jornalístico é capaz de transformar a realidade ao mesmo tempo que a narra.

5.1 FORMAÇÃO DISCURSIVA E O DISCURSO JORNALÍSTICO

Como visto anteriormente, FD é uma noção importante para AD, sendo necessário compreender de que modo ela é utilizada pelos (e nos) estudos do Jornalismo. O sujeito, nesse caso o jornalista, encontra-se em uma situação social, histórica e ideológica e é a partir disso que produz o discurso. A FD é o que determina – por meio dessas condições e também em relação à formação ideológica a qual se associa - o que pode ou não ser dito e como dizer. Importante lembrar que as FDs não são blocos fechados, com regras explícitas de como produzir um discurso, mas sim regularidades que funcionam no processo discursivo. Ao analisar discursivamente o texto jornalístico não se busca destacar as normas que fazem dele uma notícia ou reportagem, por exemplo, mas sim identificar os possíveis sentidos e para isso observa-se também a formação discursiva, porque é justamente nela que eles são produzidos.

Uma mesma FD é constituída por diferentes posições-sujeito que se aproximam, uma vez que estão filiados a uma mesma formação ideológica e discursiva, mas se afastam pois produzem seus dizeres a partir de um lugar social e histórico diferente. Ao aproximar essa noção da prática jornalística é possível identificar esses sujeitos, que falam alicerçados em uma mesma perspectiva ideológica, porém produzem sentidos diferentes em seus discursos, pois, segundo Orlandi (2007) é na FD que o “sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro.” Ou seja, o sentido atribuído à um dizer se dá em relação aos outros sentidos possíveis dentro e fora da FD em questão, pois algo produz um sentido ao mesmo tempo que não produz o outro - que pode ser produzido em outra FD. Orlandi explica, assim, que um dizer só significa em relação à FD:

É em relação às formações discursivas que podemos dizer que a palavra “terra”, por exemplo, significa diferentemente para os índios, para os grandes proprietários rurais, para o MST, etc. Isto porque eles estão em posições-sujeito inscritos em diferentes formações discursivas que, em última instância, refletem, no discurso, as posições ideológicas e determinam seus sentidos. (ORLANDI, 2007)

O jornalismo é o campo que fala sobre outros campos e áreas do conhecimento. As notícias e reportagens narram um acontecimento do passado, buscando o sentido no presente. Dessa forma, é possível observar no discurso jornalístico sentidos inscritos que remetem à outras áreas do conhecimento – como política, saúde, economia, etc. Por esse

ângulo, Schwaab (2007, p.20) diz que “é possível pensar no discurso jornalístico como um discurso *sobre*” e destaca a leitura e a interpretação como dois aspectos importantes no processo discursivo. Ele complementa dizendo que “o discurso *sobre* remete às escolhas feitas pelos jornalistas e suas fontes na construção dos sentidos que buscam ofertar”. Ou seja, tanto jornalista, quanto fontes, escolhem como dizer algo sobre determinado assunto e com isso tentam construir os sentidos que esperam, lembrando que o controle em relação aos efeitos de sentido é ilusório.

As FDs são mutáveis e flexíveis e se aproximam uma das outras quando inseridas numa mesma FI. Elas não possuem barreiras fixas, mas sim fronteiras que se relacionam por meio do interdiscurso, ou seja, com tudo aquilo que já foi dito antes, em algum outro lugar. É o interdiscurso que permite ao sujeito a identificação, ou não, com uma determinada FD. Assim, convém dizer que em um texto não há apenas características de uma FD, pois ele é transpassado pelos discursos de outras FDs que se organizam no processo de construção dele.

As escolhas realizadas pelo sujeito acontecem na ordem do inconsciente e são determinadas a partir de sua filiação à uma FD. A identificação de uma (ou mais) FD no texto jornalístico ocorre por meio da observação de marcas discursivas semelhantes que mostram que o sujeito optou, mais de uma vez, em utilizar determinada marca e não outra. Por exemplo, em um discurso sobre o a demarcação de terras indígenas, pode escolher dizer que os indígenas invadiram ou ocuparam tais terras, e quem determinada qual das duas usar é a associação à FD e o efeito de sentido de cada uma das palavras pode indicar a formação ideológica. O discurso é construído na relação da(s) FD(s) e a(s) posições-sujeito que, no caso de uma reportagem, o jornalista como vir a ocupar. O entrelaçamento dessas noções e a articulação entre elas se dá ao decorrer do processo discursivo.

5.2 AS POSIÇÕES SUJEITOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Ao compreender o jornalista como sujeito discursivo, interpelado pela ideologia, constituído a partir de sua historicidade e realidade social, aceita-se a sua subjetividade psicanalítica, ou seja, “a relação com a exterioridade deve ser compreendida pela intervenção da história e da ideologia” (VINHAS, p.5, 2011). Entende-se, como dito anteriormente, a importância em considerar as condições de produção no momento da análise do discurso jornalístico, e nesse caso elas dizem respeito, entre outras coisas, aquilo

que socialmente espera-se do trabalho de um jornalista. O seu papel social também o condiciona a produzir o discurso de certo modo e não de outro. É a partir das condições de produção que o jornalista desenvolve o jogo das formações imaginárias (FI), determinando assim, a posição que ocupa no discurso.

Segundo Pêcheux (1995) as FIs são um processo anterior ao discurso e são uma projeção que o sujeito faz de si e do outro, em relação ao lugar social que ambos estão. Ele afirma que essas projeções são determinadas pela formação social, o que determina o poder que se tem em falar sobre determinado tema, de tal maneira e para determinada pessoa. Grigoletto (2007, p.4) explica que “a imagem de um jornalista, por exemplo, já está determinada pelo lugar empírico a ele atribuído por uma determinada formação social.”

Portanto, entende-se que ao produzir um discurso o jornalista já se encontra em uma formação social que determina seu lugar em relação ao interlocutor. É por meio das FIs também que o profissional determina sua posição dentro do discurso. Orlandi (2012) explica que as posições-sujeito surgem justamente por meio das formações imaginárias – formações essas que designam o lugar que o sujeito e o destinatário se atribuem mutuamente, assim faz-se importante pensar o jornalismo e as formações imaginárias que podem surgir durante a produção do discurso jornalístico.

O jornalista que enuncia tem uma imagem sobre si, seu papel e sua identidade. Essa imagem está alicerçada tanto em ideais como verdade e credibilidade quanto na consciência (às vezes nem tão consciente assim, pois internalizada) sobre as condições de produção do discurso. O jornalista também tem uma imagem sobre seu leitor. (BENETTI, 2008, p.19)

Ou seja, o jornalista cria uma imagem em relação a si, considerando as condições de produção específicas ao fazer jornalístico, como, por exemplo compromisso com a objetividade e verdade, mas também tem uma imagem sobre o seu leitor, criando assim o leitor virtual (ORLANDI, 2012). No jornalismo é possível imaginar que o repórter esportivo, por exemplo, ao escrever tem como leitor imaginário uma pessoa que gosta de esportes, caso contrário a reportagem não teria motivo para existir. Essa imagem sobre o leitor virtual é constituída também a partir do contexto histórico e social, pois é com base da imagem que faz para si que o sujeito que diz algo vai imaginar o outro. A imagem do leitor muitas vezes ocorre de modo consciente, quando antes de produzir um discurso o sujeito realmente se pergunta: para quem estou dizendo isso? ou para quem quero dizer disso? É quando o jornalista possui imagens fixas sobre quem vai ler o que é dito que se

criam discursos repetitivos, discursos que reafirmam não ditos, deixando sempre escapar outros modos de se colocar no discurso, também outros modos de dizer sobre determinados assuntos e outros sujeitos. Isso porque ao ter como certo o leitor alvo, o jornalista pode deduzir que já sabe o que o leitor deseja receber. A posição que o jornalista toma para si e para o outro articula-se dentro de uma formação discursiva determinada, e é a partir dessa relação que os efeitos de sentido são produzidos.

7. JORNALISMO QUE INFORMA E QUESTIONA: A ANÁLISE

Para identificar de que modo as possíveis posições-sujeito se articulam na construção do Livro de Repórter, foram realizados procedimentos metodológicos ancorados na Análise de Discurso de linha francesa. O *corpus* foi selecionado a partir da leitura do livro de repórter da jornalista Fabiana Moraes *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* (2015). A escolha dessa obra se deu por ser a mais recente publicada pela autora, além de ser nesse livro que ela apresenta de forma bem segmentada (em três partes) a sua experiência como jornalista e suas reflexões sobre a prática jornalística. Embora o foco da pesquisa não seja a experiência em si, mas sim os sentidos produzidos quando o sujeito fala sobre a experiência, o livro em questão dá acesso à diferentes momentos do fazer jornalístico.

O primeiro passo para a realização da análise foi uma leitura flutuante do livro e depois foram selecionadas 175 Sequências Discursivas (SD). Inicialmente elas foram agrupadas em quatro núcleos de sentidos (como forma de identificar nelas marcas discursivas semelhantes), numeradas e identificadas com siglas⁷ que referenciam a localização no livro. Após, foi identificado entre os núcleos de sentido marcas semelhantes e a partir disso foi possível identificar duas Formações Discursivas (FD) e filiadas a elas foram reconhecidas sete posições-sujeito (PS).

Considerando a forma-sujeito o sujeito universal de uma FD, como explica Ferreira (2005), o modo pelo qual o sujeito discursivo se identifica com a FD, dando a ele a ilusão de unicidade, foi identificado uma forma-sujeito para cada FD. É importante destacar que no discurso não existe um único sujeito, mas como diz Orlandi (2012), várias posições-sujeito, que surgem a partir da relação entre os diversos sujeitos discursivos e as formações discursivas e imaginárias. Pacheco (2019, p123) lembra que as “posições-sujeitos podem estar em consonância ou dissonância ao saber estabelecido pela forma-sujeito”, ou seja, as PS identificadas em cada FD se relacionam na construção do dizer, mas não significa que estão sempre de acordo com aquilo a forma-sujeito diz.

Portanto a partir da seleção das SD e definição das marcas discursivas, as FD e PS identificadas foram:

⁷ Quatro siglas foram utilizadas: DT marcam as sequências retiradas da introdução, RJC para as sequências retiradas da primeira parte do livro, AD para as identificadas na segunda parte e SEP identificam a terceira parte. O número após a sigla indica a página.

- *FD1: O jornalismo informa* – Onde foram associadas sessenta e seis sequências discursivas distribuídas entre as seguintes posições-sujeito:
 - PS1: *Denunciante*, a qual foram relacionadas trinta e duas SD;
 - PS2: *Esclarecedora*, identificada a partir de vinte e duas SD e
 - PS3: *Repórter*, com doze sequências discursivas.
- *FD2: O jornalismo questiona* – na qual 109 sequências discursivas foram identificadas entre quatro posições-sujeito:
 - PS4: *Semelhante*, com trinta e três SD;
 - PS5: *Teórica*, articulada por meio de vinte e duas SD;
 - PS6: *Argumentadora*, que possui trinta e cinco SD relacionadas e
 - PS7: *Reveladora*, com dezenove SD.

Para cada PS é usado um determinado número de SD, que servem como sequências discursivas exemplares e permitem estabelecer a articulação entre as PS e FD. Compreender de que modo essas noções estabelecidas se relacionam na constituição do discurso permite enxergar as diversas camadas de um discurso, abandonando a ideia de que um texto significa de apenas um modo.

7.1. FD1: O JORNALISMO INFORMA

Essa formação discursiva apresenta por meio de sessenta e seis sequências discursivas um sentido básico e comum relacionado ao jornalismo, o da informação. No livro analisado, são as sequências discursivas nas quais informações sobre os temas tratados (transexualidade, saúde pública, jornalismo) são trazidas. As posições-sujeito relacionadas a essa FD são três: *PS1: Denunciante*, *PS2: Esclarecedora* e *PS3: Repórter* e elas surgem a partir da seguinte forma-sujeito: “*O jornalista deve informar de forma clara e objetiva*”. Assim, a filiação à essa FD se dá por meio de marcas discursivas que produzam o efeito de sentido informativo. São sequências que realizam alguma prestação de serviço, seja informando sobre algum procedimento, realizando alguma denúncia ou explicando ao leitor um processo.

7.1.1. PS1: Denunciante

Na reportagem “*O nascimento de Joicy*”, Fabiana Moraes acompanha Joicy, uma ex-agricultora moradora de Perpétuo Socorro – Alagoinha (PE), durante o processo de redesignação sexual pelo Serviço Público de saúde. Nessa PS foram encontradas trinta e duas SDs que produzem o sentido de denúncia ao revelar para o leitor problemas e erros encontrados durante esse processo, não apenas em relação a Joicy, mas também situações que acometem muitos cidadãos brasileiros. Dessa forma, há a noção de “trazer à tona” uma realidade vivenciada, como se observa nas sequências discursivas apresentadas a seguir.

SD26: “Às **15h30**, Joicy **começa** a se preocupar com a possibilidade de **não ir** para a casa naquele dia. **Não tem** mais roupa limpa e o líquido usado para lubrificar o molde já **molhou toda a bermuda**. **Liga** para o celular do motorista. “Chego em 20 minutos”, **promete**. Às **17h**, liga **novamente**. “Chego em 20 minutos”, **repete**. São **19h15 quando** o condutor aparece no corredor. **Avisa** que Joicy **não** vai direto para casa: tem que passar em Vitória de Santo Antão onde **outra paciente aguarda** ambulância. **Uma hora depois**, o carro chega à maternidade de Vitória. Entra dona de casa Maria Zenilda Brito, 58, que carrega nos braços um bebê ainda sem nome, seu neto. **Faz 3 dias que ela espera um transporte para levá-la de volta à Alagoinha.** (RJC64)⁸”

Essa sequência produz sentidos de escolha por mostrar o tempo que Joicy demorou para conseguir o transporte para voltar à Alagoinha. Demarcar o horário em que Joicy começa a se preocupar gera o sentido de que ela já esperava pelo transporte há algumas horas, pois a preocupação em não ir para casa acontece a partir de uma demora. Citar a outra paciente mostra que o problema de transporte das unidades públicas de saúde também é uma realidade para outros, tornando-o um fato.

A posição-sujeito-denunciante mostra também o despreparo dos profissionais de saúde para lidar com um caso de redesignação sexual, revelando assim o descaso com a paciente por parte daqueles que deveriam tornar o processo menos difícil. As sequências discursivas a seguir demonstram a dificuldade dos agentes de saúde em chamar Joicy pelo nome social, algo extremamente importante para transexuais, que buscam aceitação do gênero que se reconhecem.

⁸ A sigla RJC indica as sequências retiradas da primeira parte do livro.

SD18: “O **enfermeiro** baixinho e de farda puída entra no quarto 1113. “Bom dia!” “**Quem é seu João?**” “Não é João, não, é Joicy”. Olha para a pessoa sentada na cama (a B, pertinho da janela), cabelo curto e meio ralo, os braços fortes. Está de bermuda, camiseta e óculos de grau. **Não esboça a qualquer reação.** “Joicy? Com ‘E’ ou com ‘y’?”. – (RJC51)

SD19: ““Bom dia! **Senhor** João Batista? Como vai? **Senhor** é hipertenso?” Joicy, **talvez cansada** de passar a vida corrigindo o **errôneo tratamento masculino**, talvez **tímida** pela **imposição do jaleco**, **só respondo** que não. A **especialista** avisa que **‘ele’** vai apenas almoçar naquele dia e que depois **‘ele’** vai entrar na dieta própria do pré-operatório. Que **‘ele’** vai tomar, várias vezes, um medicamento próprio para limpeza do intestino.” (RJC52)

A repetição do pronome masculino reproduz, de forma cansativa, o esgotamento de Joicy em ter que corrigir as pessoas, especialmente aquelas que já deveriam saber como tratá-la. Ao se filiar a FD1 a posição-sujeito em questão traz as vezes que o sistema falhou com Joicy ao não a compreender em sua plenitude. A escolha por transcrever de forma direta as falas dos profissionais evidencia um preconceito com a transexual. A fala direta pode significar a necessidade de mostrar que não há equívoco de interpretação por parte da jornalista, que o que foi dito está escrito no texto.

SD13: ““Quando ela vinha aqui, queria resolver tudo na hora. Não falava direito com a gente. Muito ignorante. Mas o pessoal sempre tratou **ela normalmente**. Tiravam, às vezes, só **uma ondazinha**, porque ela tem um jeitinho de gay, né?” O atual **secretário de saúde**, Carlos Augusto, por sua vez, diz que a secretária **não a tratou incorretamente**, e sim a orientou a procurar um lugar ‘com mais condição’. **‘Ele** é uma pessoa difícil você deve ter percebido.’” (RJC43)

SD22: “O **cirurgião** Sabino Pinho foi até o 1113 **acompanhado** por médicos residentes, todos os **jovens**. Queria **mostrar** o sucesso de **sua** vaginoplastia. Quando viu o molde meio baixo, **empurrou** até o **fundo** do canal vaginal. Joicy sentiu **muita dor**, a primeira grande dor física em dias. “Se o molde não ficar dentro, ou tecido vai colar, vai **estragar** a cirurgia”, avisou. Depois que a equipe foi embora, Joicy permaneceu **prostrada** na cama. **‘Eu fui no céu é voltei’**”. (RJC58)

Dessa sequência discursiva pode-se inferir o sentido de que o cirurgião não via Joicy como uma pessoa, mas sim como uma cirurgia, objetificando o corpo da transexual, tantas vezes já objetificado socialmente. A informação e denúncia não se aplica somente ao sistema de saúde, mas também à outras situações, como se observa nas SDs a seguir, nas quais há a revelação de uma realidade brasileira, muitas vezes repetida pelos jornais, mas ignorada quando se fala sobre acesso à direitos.

SD7: “Na casinha **depauperada**, onde cozinha e banheiro **quase se confundem**, onde **não existem esgoto nem água encanada (ninguém do distrito, aliás, tem)**, há um diploma no qual se lê: ‘Certifico que João Batista da Silva participou com dinamismo e maestria do curso de cabeleireiro revelação (30h/60h) ministrado pelo cabeleireiro paulista Carlos Carvalho. Deus seja louvado.’” (RJC39)

SD35: “Ela não sabia que, naquele momento, Joicy **não tinha dinheiro nem para suprir necessidades básicas** como a compra da água (R\$12, no carro-pipa, R\$2, no tonel trazido nas costas dos jumentos). **A saída foi juntar água da chuva para beber e cozinhar.** ‘Se o telhado é limpinho, lavadinho, **tem nada não.**’” (RJC75)

A posição-sujeito-denunciante foi identificada a partir da relação entre a FD1 e a forma-sujeito, levando em consideração o jogo de imagens que o sujeito faz de si e do outro – as formações imaginárias (FI). Pêcheux (1995) explica que as FIs são anteriores ao discurso e Pacheco (2019, p.43) complementa dizendo que “é um processo que acontece por antecipação, e a partir do trabalho das formações imaginárias o sujeito elabora suas estratégias discursivas em cada situação discursiva”. Portanto, é por meio da FI que a PS1 se coloca como a responsável por informar algo escondido, produzindo um discurso com sentido de denúncia. A PS1 antecipa o leitor, como alguém que acredita no oposto da realidade narrada e por isso é PS1 precisa denunciar a realidade.

7.1.2 PS2: Esclarecedora

O conjunto de sequências discursivas relacionadas à posição-sujeito-esclarecedora somam o total de vinte e duas e são aquelas em que uma prestação de serviço é realizada. A filiação à FD1 se dá por meio de informações úteis ao público leitor, traçado também pela

articulação com as FIs. Inicialmente foi entendida como a PS que mais se aproximava da forma-sujeito, pois as sequências relacionadas a ela se apresentam informações de forma bastante objetiva e direta:

SD8: “**Sem saber o que fazer**, voltou para casa. Dias depois, **descobriu o número 0 800 61 1997. Ministério da saúde**. Ligou. “Fiquei quase 1 hora no telefone com a moça”, lembra Joicy. (RJC40)

SD10: “Para chegar ao Hospital das Clínicas pela manhã (**as consultas ginecológicas acontecem entre as 8h e as 8h30**) e dar conta de cerca de 250 km entre perpétuo socorro e a cidade universitária, Joicy levantava às 3h.” (RJC4)

SD11: “Viajava em um dos **seis carros que compõem a frota da Secretaria de Saúde** ou, como dito, em sua moto Honda 2008.” (RJC42)

As sequências expostas fornecem de modo claro e objetivo informações que podem ser utilizadas por outros cidadãos, e delas emergem o sentido de que mesmo contando uma história com diversas camadas, o jornalismo precisa cumprir o papel de levar ao público uma informação.

Entretanto, há nas SDs a seguir, a informação especificamente sobre o processo de redesignação sexual. Nesse caso, o discurso não opera o sentido de informativo como utilidade pública, mas sim como dizer algo novo, algo que antes era desconhecido pela maioria das pessoas, mesmo que não seja útil para todos.

SD3: “Mas, se a imagem estereotipada da mulher ideal não se aplicava Joicy, **ela era entre as outras oito mulheres não biológicas** repletas de curvas de batom, **a única ter o diagnóstico de distúrbio de identidade** (assinado pelo psiquiatra Roberto Faustino), **assim como os 2 anos de terapia** (com a psicóloga Inalda Lafayette)” (RJC33).

SD20: “**O molde, que tinha que ficar totalmente dentro de sua recém construída vagina**, teimava em descer. Um dia, o curativo se soltou e ela sangrou muito. A comida, **uma dieta hiperproteica indicada para que ela não sentisse necessidade de defecar**, começou a atormentá-la.” (RJC56)

SD43: “**A estenose resultado de uma série de erros de percurso** cometidos pela própria transexual e, ainda, pelos profissionais de saúde que acompanharam sua transformação.” (RJC78)

Outro efeito de sentido comumente observado em relação a PS2 é o de revelação de expressões de preconceito. Dessa forma, a posição-sujeito-esclarecedora informa a discriminação e também explica uma das origens dela, as construções sociais de como uma mulher deve ser – no caso das transexuais. Contrariando um pouco a objetividade na informação, as SDs produzem o efeito de sentido de que os signos sociais podem ser alterados, de que se a imagem de mulher é uma construção, é possível a reconstruir.

SD2: “Sem os **marcadores que a fariam, externamente, ser “mulher”**, Joicy termina sofrendo um **preconceito duplo**, que vem tanto daqueles que não experimentam a sua condição quanto das próprias transexuais.” (RJC34)

SD17: “Quem não adere a tais **signos** termina passando certa **desconfiança**, como se não houvesse uma “vontade” real de mudar de sexo. Foi o que aconteceu, **já vimos**, com Joicy: sem ostentar **aquilo que é socialmente atrelado ao feminino**, ela passou três, e **não dois**, anos realizando a terapia obrigatória a quem vai se submeter à mudança de sexo.” (RJC47)

Nas duas sequências discursivas exemplares há o uso gráfico de aspas junto às palavras *mulher* e *vontade*. Um dos usos dessa marca é destacar palavras ou expressões usadas fora de contexto, o que produz um efeito de sentido de ironia. Assim, as aspas possuem um sentido inscrito de que há algo errado com essas palavras, elas não deveriam ser usadas nesse contexto. Nesse caso pode ser o questionamento sobre o que é ser mulher e o que seria ter vontade de mudar de sexo. A ironia surge a partir do momento em que se entende que caso a transexualidade fosse apenas vontades, ela seria um luxo, algo que todos desejariam. A incompreensão da mulher transexual se relacionada com outro sentido produzido pela PS2, quando explica os debates sobre a gratuidade da cirurgia de redesignação sexual.

SD14: “**Implementada em 2008 no sistema único de saúde, a cirurgia de redesignação sexual** (ou processo transexualizador) **ainda não é** ponto pacífico entre **especialistas** de várias áreas: psicólogos, psicanalistas, cirurgiões, ativistas, sexólogos e parlamentares são alguns daqueles que **questionam vários pontos do procedimento**, desde a sua **legitimidade** dentro do rol de cirurgias oferecidas pelo governo até a própria **classificação** do fenômeno como **patologia**. É **justamente** no cruzamento entre as duas últimas que está o cerne da questão: a existência do tratamento no serviço público de saúde **só é permitida** porque os

transexuais são pessoas, **de acordo com a Organização Mundial de Saúde** (OMS) que carregam consigo um **transtorno de personalidade**, ou melhor, “um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto”. É sob essa **perspectiva**, observando transexuais como **doentes**, que está baseada a cirurgia **oferecida pelo governo federal**. A existência da **patologia** é o que **garante a gratuidade** do procedimento. (RJC46)

A principal semelhança entre as duas primeiras posições-sujeito associadas à FD1 é a impessoalidade. Nelas as informações são diretas e objetivas e é necessário um olhar atento para perceber outros efeitos de sentidos inscritos. A terceira posição-sujeito, entretanto, produz seu discurso com marcas pessoais, mostrando para o leitor a existência de uma jornalista. Ainda filiado à FD1, o principal sentido produzido é o de informação, mas, como é exposto a seguir, as estratégias utilizadas ao informar com clareza são outras.

7.1.3. PS3: Repórter

As doze sequências discursivas associadas à essa PS apresentam marcas discursivas nas quais a repórter se mostra durante o processo de acompanhamento e construção da reportagem, explicando também práticas jornalísticas. Uma marca que, de acordo com Marocco (2015) é permitida no livro de repórter. O uso da personalidade no texto revela o fazer jornalístico e informa o outro lado da reportagem, o que pode produzir o sentido de tornar a informação dada mais completa.

SD84: “Ele não viu nenhum problema em meu acompanhamento e foi simpático em todos os nossos (poucos) encontros. **No entanto**, uma pergunta sua em nossa segunda conversa **me surpreendeu**:

- Por que você escolheu logo Joicy? Há outras transexuais aí com aparência mais feminina, **seria bem melhor**.

- **Mas Joicy não é mulher?** Não é a próxima a ser operada pelo senhor?

- **Sim, mas é uma paciente difícil, não tem as características mais femininas, é um pouco embrutecida, ignorante.”** (AD95)⁹

Assim como na PS1, também é informado o preconceito enfrentado por Joicy, mas ao notar-se a presença da jornalista o sentido produzido é outro. Ao transcrever o diálogo que teve com o cirurgião e a discriminação por parte dele há o sentido de que esse

⁹⁹ A sigla AD indica as sequências retiradas da segunda parte do livro.

preconceito é bastante estrutural e destemido, uma vez que ele não tem medo de se revelar diretamente para a repórter. Assim, a presença das marcas de pessoalidade torna a informação mais crível, uma vez que não é uma interpretação de uma situação observada, mas sim uma conversa entre cirurgião e repórter.

Outro sentido que muda ao fornecer a mesma informação que a PS1 é o de informar uma realidade social, no momento em que se fala sobre onde Joicy vive. Ao passo que a PS1 informa ao narrar uma situação observada, a PS3 traz a mesma informação ao narrar uma situação vivida. O sentido muda, pois, como está exposto a seguir, ao falar o que sentiu há o efeito de extremo, inconcebível, de uma situação totalmente desconfortável de se observar, ainda assim, Joicy vive daquela maneira todos os dias.

SD93: “A sala separava-se da cozinha/banheiro por uma porta, **que também mantinha quase afastado o odor do quintal**, onde o **esgoto corre a céu aberto (várias vezes precisei sair da casa para respirar o ar de lá fora** durante as entrevistas e as observações; nessas horas, tinha cuidado para não constranger Joicy, justificando minha saída por causa do calor).” (AD99)

Há também a informação sobre a prática jornalística em si, produzindo o sentido de que, muitas vezes, a jornalista trabalha durante a apuração com um olhar direcionado. Aqui a posição-sujeito-repórter é contraditória em relação à forma-sujeito. Isso se dá porque o lugar discursivo do repórter que fala sobre a realidade é deslocado, ou seja, “cada lugar discursivo representa diferentes modos de se relacionar não só com a forma-sujeito, mas também com as diferentes posições-sujeito que ele pode abrigar” Grigoletto (2007, p.7). Nesse caso a contradição se dá quando se observa que a forma-sujeito da FD1 exige uma informação clara e objetiva, entretanto ao aparecer no texto o jornalista abandona aquilo que o jornalismo entende como objetividade.

Na sequência discursiva a seguir, percebe-se que a PS3 revela uma possível finalidade, uma ideia anterior ao discurso sobre o que o discurso poderia significar. Ao escrever esse possível objetivo o sentido inferido é que existe o desejo de ser sincero com o leitor, mostrando que nem tudo durante o processo de construção ocorre de modo natural, pois é um direcionamento.

SD121: “O que eu também estava dentro desse processo de acompanhamento, é **lógico**, era o tratamento dispensado a esta pessoa, o tipo de **dificuldade estrutural** pelo qual ela passava, a **postura dos profissionais** que atendiam. Assim, era possível analisar, a partir de uma “micro-história”, **o tipo de cuidado**

do HC com suas pacientes transexuais, a efetividade do serviço público para essas mulheres nascidas com corpo masculino, os erros e os acertos de um **serviço tão inovador** do país.” (AD118)

É importante observar que o livro de repórter em questão é um discurso produzido após a publicação da reportagem. Em *O nascimento de Joicy* há uma retomada do texto inicial e, assim, um discurso sobre um discurso anterior. Essa especificidade é considerada uma condição de produção, uma vez que falar sobre algo já dito antes pode mudar a forma do dizer. A partir dessa perspectiva que se identificou a FD2, denominada *O jornalismo questiona*, pois foram observadas marcas reflexivas em relação ao discurso produzido em outro momento e também percebidos efeitos de sentido relacionados ao questionamento no discurso primeiro.

7.2. FD2: O JORNALISMO QUESTIONA

A identificação da formação discursiva em questão se deu por meio da observação de marcas discursivas nas quais havia o sentido de questionamento e reflexão. Foram encontradas 109 sequências discursivas que a partir de quatro PS produzem o efeito de sentido de questionamento. Importante lembrar que, no trabalho com AD, não há o objetivo de determinar a intenção do texto, mas como diz Benetti, (2007, p.109) “a AD está preocupada com esse movimento de instauração de sentidos, que exige compreender os modos de funcionamento de um discurso”. Portanto, não é objetivo da pesquisa afirmar que Fabiana Moraes tinha a intenção de questionar ou fazer questionar, mas sim compreender de que modo o discurso produz tal efeito de sentido. Para isso, foi reconhecida a forma-sujeito filiada à FD2 como: *O jornalista questiona o senso comum*, e identificadas quatro posições-sujeito – *PS4: Semelhante*, *PS5: Teórica*, *PS6: Argumentativa* e *PS7: Reveladora*. As diferenças e entrelaçamentos são exemplificadas pela demonstração de sequências discursivas exemplares para cada PS.

7.2.1. PS4: Semelhante

Por diversas vezes (e em diferentes momentos) Fabiana Moraes declara que busca aproximar suas personagens (na maioria das vezes estereotipadas socialmente) do leitor por meio de semelhanças, mostrando aquilo que percebe de igual. Esse movimento de compreender e exaltar o que o outro – colocado à margem da sociedade – tem de parecido, produz o sentido de questionar o preconceito e invisibilidade. Muitas vezes os grupos minorizados socialmente só ganham espaço para falar quando o assunto é algo relacionado ao estereótipo social ao qual foram colocados (negros para falar de racismo, gays para falar sobre homofobias, pessoas gordas para falar sobre estereótipos físicos, etc).

Dessa forma a PS4 produz o sentido de que as pessoas têm mais a dizer e mostrar do que apenas suas dores, questionando o porquê elas não podem falar e representar outros temas também, efeito de sentido identificado a partir de trinta e três sequências discursivas. As sequências discursivas a seguir mostram Joicy além da transexualidade, ou seja, sofrendo e sentido o mesmo do que qualquer outra pessoa.

SD95: “A maioria dessas canções, muitas delas dos anos 80, circulava pelo **romântico**, o **encontro**, o *can't live without you*: enquanto tocavam, Joicy claramente **escapava do mundo do comum para visitar outra realidade**. Nesta, estava Dorneles, oficialmente **seu amor**, oficialmente aquele de quem ela **esperava afeto**, oficialmente o possível provedor de **dias mais felizes**.” (AD100)

SD114: “Aqueles **lágrimas** não nasceram por dor, medo da morte, perda de um bem ou de dinheiro. Eram sintomas, sobretudo, da percepção de que **a ausência de um amor**, ao contrário do que havia sido sugerido, permaneceria. **Percebi** que precisava ser ainda mais delicada com ela, o que estava em **carne viva**. Esse cuidado precisou se estender **até a minha própria paciência**, que teve de ser elástica para dar conta da personalidade barroca de Joicy. De todo jeito, e é um sentimento bastante diferente de pena, **não há como não se identificar** com alguém que abandonado - **a maioria de nós já foi. Quase todos nós já** montamos em triste e às vezes patético castelo que precisava apenas de um até mais para desaparecer.” (AD114)

O amor, a dor, o desejo de ser feliz, são sentimentos e emoções inerentes à todos os seres humanos. As marcas discursivas destacadas nas SDs 95 e 114 produzem o efeito de questionar: *Seria Joicy (e qualquer outra transexual) uma mulher tão diferente das outras?* A PS4 também movimenta a imagem de cotidiano, evidenciando que como qualquer mulher, Joicy também precisa de objetos básicos para o dia a dia.

SD74: “Joicy levava um saco de farinha como mala. Dentro dele, um **lençol**, uma **toalha**, uma **escova de dente**, **bermudas**, **calcinhas**, um retrovisor tirado de sua moto para ser usado como **espelho pessoal**.” (RJC52)

Um deslocamento de sentido bastante realizado pela interação entre a PS4 e a FD2 é o da palavra *nascer*. É possível observar que *nascer* não está significando o momento do parto, mas produz o sentido de que para uma transexual *nascer* não basta uma mãe grávida, mas é necessário um processo. Ainda assim, Joicy nasce, como todos os seres vivos nascem, mas como uma transexual, ela nasce adulta, com cinquenta e um anos de idade, desafiando as leis biológicas. Dessa forma, a posição-sujeito-semelhante além de aproximar Joicy de quem não a compreende, também questiona o senso comum sobre o que é *nascer*, sobre o que é ser mulher, questiona a ordem natural do nascimento.

SD47: “Joicy Melo da Silva **nasceu** no dia 22 de novembro de 2010, às 12h30. Pesava **74 kg** e media **1,63 metros** de altura. Naquele dia, **mais 7 partos foram realizados** no Hospital das Clínicas (HC), na cidade universitária, Recife (PE). **O de Joicy foi, sem dúvida, o mais complicado** de todos: **durou quase 7 anos** e envolveu uma série de especialistas. (RJC31)

Uma outra visão de Joicy se cria a partir dos questionamentos desenvolvidos pela PS4, dessa forma é fácil identificar a filiação segura à FD2. É por meio da empatia, de enxergar no outro características comuns, que os efeitos de sentido são produzidos pelos dizeres da PS4.

7.2.2. PS5: Teórica

Toda FD é heterogênea, constituída por diferentes posições-sujeito que produzem efeitos de sentido diversos. As vinte e duas SD relacionadas à PS5 movem o questionamento realizado pela PS4 – sobre algo exterior – e o volta para a realidade jornalística, tensionando aquilo que o jornalismo tem como teoria e prática. O sentido de incerteza em relação às Teorias do Jornalismo acontece quando ela é comparada com o fazer jornalístico, evidenciando que nem tudo está nos livros e manuais.

SD61: “Li vários livros abordando as **teorias do jornalismo** (inclusive alguns afirmando que tais teorias não existem) e, **infelizmente, não**

encontrei em nenhum deles qualquer referência à dor e ao suor, ao assombro e a alegria que invariavelmente estão presentes na **relação** estabelecida entre **jornalistas e personagens** - principalmente quando essa **relação ultrapassa** em um breve encontro permeado por algumas perguntas, um “muito obrigada” e um **ilusório ‘até logo’.**” (DT17)¹⁰

SD63: “No fim, o que é **mais importante?** Respirar fundo e colocar esses de lado em nome do preconizado e quase **mítico distanciamento?** **Ou** torná-los parte de uma escrita que, **de saída, se reconhece** múltipla de sentidos e, é claro, imperfeita? (DT222)

A última sequência discursiva exemplar exposta traz, de fato, uma pergunta. Entretanto, não busca uma resposta, mas produz o efeito de sentido argumentativo, uma vez que diz que a teoria não dá conta da prática jornalística. Pode-se extrair dessa SD a noção de que o distanciamento exigido pelos manuais é quase mítico (inalcançável), então melhor seria esquecê-lo, pois insistir na busca por ele é não reconhecer a realidade. O ideal seria desenvolver desde o princípio uma prática entendida como imperfeita para os manuais, mas possível para o jornalista. O questionamento levanta o sentido sobre a falta de se pensar o jornalismo numa perspectiva que considera a subjetividade (as questões sociais e históricas que envolvem o jornalista).

A PS5 trabalha e articula noções entre prática e teoria jornalística de modo a funcionar como uma dúvida em relação ao que se pode fazer de diferente. A partir da proposta de uma nova maneira de pensar o jornalismo, o sentido de admitir a presença do repórter durante o processo de construção de uma reportagem ou notícia – aceitando a subjetividade – surge como um novo olhar.

SD140: “É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, **sem constrangimentos, da subjetividade,** reconhecendo-a como um **ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana.** Nele, são considerados, e **não negados, os elementos que escapam da rede técnica** dessa área de conhecimento. **Assume-se** que não é possível domar o mundo exterior - e o Outro - em sua totalidade (independentemente de estarmos lidando com um “fato”, “fenômeno” ou “acontecimento”), mas que devemos, antes, **incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas.**” (SEP159)¹¹

¹⁰ A sigla DT indica as sequências retiradas da introdução do livro.

¹¹ A sigla SEP indica as sequências retiradas da terceira parte do livro.

SD149: “Neste ponto, é **necessário trazer o meu cotidiano profissional, que está intensamente atrelado à minha prática reflexiva**, para este espaço. É nele que aconteciam - e acontecem - **os desafios** enfrentados por qualquer jornalista e, em especial, por uma jornalista que se arvora no **espaço acadêmico** e procura realizar **uma produção que dialogue** com as duas instâncias.” (SEP170)

Há o sentido de que para a teoria se alinhar à prática é necessário fazer uma reflexão sobre o fazer jornalístico, bem como considerar o Outro, e a relação com ele, como parte do jornalismo. De forma teórica é apresentado também as vozes de outros estudiosos da área para refletir junto sobre essas questões, mostrando que não é somente Fabiana Moraes que pensa sobre o assunto.

SD142: “**A inclusão do eu-jornalista** (aquele que testemunha) e as narrativas em primeira pessoa são temas que Márcio Serelle vem trabalhando pertinentemente, sublinhando tanto a **existência** desse fenômeno como estratégia de contra-poder (‘Eu vi, eu denuncio’) quantos **limites que esse ver carrega em si.**” (SEP161)

Com base na noção de incluir, sem receio, o jornalista na narrativa da reportagem surge também o questionamento em relação a neutralidade e por meio dele o sentido de ir contra as teorias existentes é produzido. Os sentidos inscritos se relacionam com a ideia de que a busca pela isenção e objetividade é limitadora e ao admitir o “eu” há a possibilidade de transformação.

SD162: “Dizer isso **não é negar nossa** própria **constituição**, nosso **histórico** de socialização, **aquilo que nos torna seres distintos** uns dos outros; É, antes, **entender nossas limitações** para chegar à conclusão de que tal “neutralidade” está tantas e tantas vezes **permeada exatamente por esse** nosso histórico, ou seja, **nunca é neutra em si.**” (SEP199)

Os efeitos produzidos a partir da PS5 dizem respeito ao jornalismo de modo geral. Entretanto, junto a eles na FD2, existem os efeitos de sentido em relação ao papel da jornalista, percebidos a partir da articulação do discurso produzido pela PS6.

7.2.3. PS6: Argumentadora

Essa posição-sujeito utiliza o papel da jornalista para argumentar sobre os questionamentos também produzidos pela PS5. O principal sentido observado é “eu vivi, por isso eu questiono”, de modo que o principal questionamento que surge é: “qual o papel da jornalista?”. A PS6 relaciona-se à FD2 por meio de trinta e cinco SDs.

SD62: No **meu caso, como poderia**, pensando na questão de dar ou não dinheiro a Joicy, **deixá-la com apenas alguns trocados** no bolso quando, **após dois dias acompanhando**, que eu voltava para a casa e ela permanecia igual recém operada, sozinha e sem condições de trabalhar?” (DT22)

Aqui existe uma interrogação ao leitor, mas ao fazer uso da expressão “como poderia” há a tentativa de convencer que não tinha como agir de outro modo, não tinha a opção a não ser ajudar Joicy. Pode-se notar que, com isso a PS6, usa a pergunta para tentar controlar o sentido e, ao mesmo tempo que questiona a teoria que diz que deve haver o distanciamento entre a profissional e a fonte, também mostra que agiu como deveria agir.

SD126: “**Lôbo e eu decidimos, em vez de** entregar o dinheiro a ela, comprar o material de construção para reformar o banheiro, instalar um chuveiro e realizar o serviço de saneamento de esgoto. **Antes a ideia era** pagar os óculos e o colchão pelos quais ela devia nas lojas locais. **Mas** o funcionamento dê um chuveiro acoplado a um balde (que, antes de cada banho, era enchido pela própria Joicy com água comprada em tonéis carregados por burros) não era mais viável na situação na qual ela estava.” (AD139)

SD132: “Havia também, tanto da minha parte quanto da parte de Lôbo, **o medo de que, se déssemos** o valor arrecadado a Joicy, o dinheiro, **facilmente**, fosse para Dorneles. **Sei que** houve da nossa parte uma “interferência” que pode ser questionada. Mas **sabíamos** que estávamos garantindo para ela algo de estrutural, de **extrema importância**, que era **vital** para a manutenção de sua saúde.” (AD139)

O sentido de que a jornalista é responsável pela Joicy está inscrito no momento em que os dois jornalistas em questão decidem reformar o banheiro da casa dela. A expressão “em vez de” produz o sentido de que havia a opção de dar a Joicy o dinheiro, mas isso nunca foi cogitado, pois a opção para eles era: pagar as dívidas ou reformar o banheiro. Ao

decidir pela transexual o que era melhor, tiram dela a opção de escolha, mas existe o sentido de que fazem isso porque julgam ser o melhor e também porque é responsabilidade deles fazer o que podem para ajudar e tornar a vida de Joicy menos difícil. O uso de aspas em interferência, na SD132, produz o sentido de que outras pessoas podem julgar a ação como errada porque a jornalista interfere na vida da personagem, mas não considera isso de fato uma interferência, uma vez que para eles a opção de deixar Joicy gastar o dinheiro não existia.

A PS6 articula dizeres anteriores sobre o papel do jornalista, por meio do interdiscurso, para questioná-la. Schwaab (2011, p.73) explica que “os sentidos construídos historicamente são convocados nas novas formulações e têm efeito sobre o discurso que está sendo construído agora”, portanto a posição-sujeito-argumentativa articula o que já foi dito, em manuais e livros teóricos, sobre o modo que a jornalista deve ou não agir, para então usar a sua prática como argumento para contestar aquilo tido como certo em relação à função.

7.2.4. PS7: Reveladora

Essa posição-sujeito produz o discurso que expõe emoções, sentimentos e angústias, tanto sobre a prática jornalística, quanto no que diz respeito à relação entre jornalista e personagem. A PS7 foi identificada em dezenove SD que ao revelar algo em relação ao que a jornalista pensa se filia à FD2 e torna o Jornalismo um lugar para questionar a si, o Outro e a relação entre os dois.

SD101: “Fiquei **nervosa** quando Joicy concordou em me levar até a casa das irmãs – sabia que, provavelmente, **algum conflito seria gerado com a sua presença**, ou melhor, com a **nossa**.” (AD103)

SD103: “**Não foi fácil participar** daquela situação que **eu havia provocado** ao pedir a Joicy para conhecer sua família.” (AD104)

SD104: “Era, em grande parte, **minha culpa** tê-la feito ouvir aquilo ponto.” (AD104)

Ao se reconhecer como uma estranha na situação, sente-se culpada por gerar desconforto. As SDs 101, 103 e 104 produzem o sentido de que a jornalista entende que

não é responsável pela forma como o outros agem, mas sabe que sua presença e a necessidade de escrever sobre Joicy causou o encontro e, portanto, os constrangimentos. Por mais que esse detalhe não esteja presente na reportagem em si, ao retomar o momento na segunda parte do livro, a PS7 faz com seja compreendido que nem tudo que se lê no jornalismo é de fato simplesmente como narrado, que existem situações por trás, mas isso não tira a credibilidade da narrativa.

SD127: “Quando esse material **não é feito de carne comum** do dia a dia, quando há a tentativa de escavar outros caminhos, há ainda **mais peso**. A primeira pergunta que nos fazemos é: será que aquilo tudo que **eu vi** e **considerarei** tão importante, **único**, que **estava invisível, era de fato**, especial?” (AD131)

SD128: “**Desafio** era escrever sobre aquela batalha **sem vitimização** do protagonista: me arrepiava um, e não de maneira positiva, as reportagens que **resvalam para o sentimentalismo no intuito de sublinhar a dor do outro**.” (AD133)

Revela-se aqui a insegurança em relação à história, pois reconhece o perigo que é retratar a vida de Joicy, que representa tantos estigmas sociais. Há o sentido de que Joicy é muito mais do que uma história triste, assim, sequência discursiva AD128 está inscrito sentido de que Fabiana Moraes deseja visibilizar o outro e a dor dele, mas não quer fazer de maneira sensacionalista. Os sentimentos em relação à temática da pauta, antes mesmo de começar a escrever a reportagem, trazem o sentido de mostrar ao leitor que existem sim perguntas e questionamentos anteriores, que a motivaram a escrever a história de determinada maneira.

Considerando as formações-discursivas impermeáveis, e como visto anteriormente, com bordas fluídas, percebe-se a relação entre a FD1 e a FD2 – que constroem o livro de repórter em questão. Ela se dá por meio da PS3 sujeito-repórter (FD1) e PS7 sujeito-reveladora (FD2). Ambas articulam o sentido de mostrar uma projeção anterior ao discurso sobre o próprio discurso – elas indicam aquilo que a jornalista pensou (idealizou, refletiu, perguntou) sobre a produção, antes de iniciar a escrita. Aqui faz-se necessário destacar que essas reflexões anteriores ao discurso, foram reveladas após a escrita do discurso em questão. Ou seja, as projeções são anteriores, mas a materialização delas é posterior ao discurso sobre o qual se fala. A diferença entre o aquilo que a PS3 e a PS7 dizem está no

sentido principal que pode ser inferido das sequências discursivas relacionadas à cada posição-sujeito.

A PS3 tem seu sentido filiado à FD1 e informa o processo de escrita, deixando claro que faz parte desse processo a reflexão sobre aquilo que será produzido. A FD2 tem como sentido central o questionamento em relação ao jornalismo, assim, ao revelar projeções anteriores ao discurso a PS7 indica que os questionamentos em relação à prática também acontecem antes da escrita.

Ao mesmo tempo, a PS7 apresenta a necessidade em demonstrar uma reflexão constante sobre o que se fala e como se fala.

SD153: “Este **olhar para fora e para dentro de si** é extremamente importante para se entender que **demandas sociais emergiram** nos últimos anos, que perguntas passaram a ser feitas e, **principalmente**, que **erros cometidos** pelo jornalismo precisam ser eliminados urgentemente. Nesse mesmo panorama está o **profissional tantas vezes engessado** pela rotinização e, tanto quanto, **pelo senso comum** que molda pauta se escolhas temáticas.” (SEP177)

A posição-sujeito-reveladora interage com as outras PS presentes na FD2, e juntas articulam o sentido maior de questionar o jornalismo ao mesmo tempo em que ele serve como instrumento para questionar a sociedade e o senso comum. Mostrar ao leitor que existe uma relação maior entre jornalista e personagem, faz com que as teorias jornalísticas sejam repensadas, trazer a jornalista para a história questiona a ideia de que objetividade significa neutralidade, uma vez que não há como ser neutro quando há um envolvimento – seja pessoal ou profissional.

A partir da análise das duas formações discursivas identificadas no livro de repórter *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* é possível pensar sobre a articulação entre as posições-sujeito e como elas funcionam na construção do discurso de um livro de repórter. Para isso, é preciso ter em mente que os resultados da análise não são definitivos, mas elaborados a partir do entendimento das noções-conceito da AD para se chegar ao objetivo específico da pesquisa e é isso que é exposto no próximo capítulo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro contato com o trabalho de Fabiana Moraes foi através do livro de repórter *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* e a partir da leitura surgem questionamentos sobre de que forma a subjetividade atua na construção de notícias e reportagens, e como as diferentes formas de estar e de ser aparecem no dizer, bem como por que compreender isso é importante. A fim de dar conta de sanar as motivações iniciais e pessoais o trabalho de pesquisa se iniciou. Compreender de que forma o processo discursivo ocorre faz com que o jornalista compreenda a si como um sujeito discursivo interpelado pela ideologia e permeado pela subjetividade de ordem psíquica. Acredita-se que a compreensão a partir da Análise do Discurso pode fornecer ao jornalista mais ferramentas para o desenvolvimento de um jornalismo mais cuidadoso no que diz respeito ao modo como se narra o mundo. Admitindo-se as falhas e a opacidade da língua, pode-se abrir mão da falsa ideia de controle dos significados, aceitando assim a responsabilidade sobre os sentidos produzidos a partir do discurso.

O desenvolvimento dos questionamentos pessoais gerou a seguinte questão problema que direcionou a pesquisa: *como as possíveis posições-sujeito ocupadas pela autora se articulam e afetam a construção do livro de repórter?* e a fim de respondê-la o livro *O nascimento de Joicy* foi analisado de acordo com procedimentos metodológicos de acordo com a AD. O livro é dividido em três partes, a primeira apresenta a reportagem exatamente como foi publicada no *Jornal do Commercio* em 2010, na segunda parte Fabiana apresenta como o relacionamento entre repórter e personagem se deu e também algumas situações inerentes à prática jornalística. Na última parte a jornalista articula um debate teórico sobre o jornalismo a partir da própria experiência em campo e propõe um jornalismo de subjetividade. Ao iniciar a análise uma primeira hipótese surge, a de tratar cada uma das partes como uma FD, entretanto conforme as sequências discursivas foram sendo identificadas e as marcas discursivas destacadas, foi possível perceber semelhanças entre as SD de diferentes partes do livro. Outra hipótese possível era considerar o livro todo como uma única FD, mas para resolver o problema de pesquisa dessa monografia e compreender as articulações entre as PS a associação à duas FD acontece de modo a responder como o processo discursivo ocorre.

A associação com a Análise do Discurso de linha francesa permite olhar para o discurso não buscando explicar diz ou teve a intenção de dizer, mas sim para compreender como ele diz e porque não diz de outra maneira. Assim, para conseguir alcançar os objetivos da pesquisa foi necessário entender as noções-conceito da AD, e ser capaz de relacioná-las com o discurso jornalístico. Revisar o referencial teórico e conseguir articular as noções dentro da AD foi um processo fundamental para a conclusão da monografia. Após essa etapa, foi realizada a análise do livro de repórter e retidas dele 175 sequências discursivas e por meio delas foram identificadas duas formações discursivas: FD1: *O jornalismo informa* e FD2: *O jornalismo questiona*. A essas FDs foram relacionadas sete posições-sujeitos ocupadas pela jornalista Fabiana Moraes. À FD1 se relacionam 66 sequências discursivas articuladas entre três posições-sujeito (PS) – PS1: *Denunciante*, com trinta e duas sequências discursivas; PS2: *Esclarecedora*, relacionada em vinte e duas sequências e PS3: *Repórter*, com doze sequências identificadas. Já dentro da FD2 foram encontradas quatro posições-sujeito a partir de 109 sequências discursivas – PS4: *Semelhante*, com trinta e três sequências associadas; PS5: *Teórica* e a ela são relacionadas vinte e duas sequências; PS6: *Argumentadora*, com trinta e cinco sequências e PS7: *Reveladora*, identificadas a partir de dezenove SD.

Ao ocupar diferentes posições-sujeito, a jornalista articula sentidos diversos para construir o livro de repórter. Esse processo se inicia antes do texto ser escrito, pois desde o momento de apuração dos fatos e, no caso do livro analisado, desde o início do acompanhamento de Joicy, Fabiana já tem pensamentos sobre o que dizer e como dizer – o que refere-se ao planejamento da pauta – o que direciona o seu olhar durante o processo de produção. Dessa forma, entende-se que o processo de escrita se dá antes mesmo da ação de escrever começar. Como sujeito, a jornalista é interpelada pela Ideologia e produz o seu discurso associada a duas FDs (no caso dessa pesquisa). Fabiana Moraes expressa as posições-sujeito ocupadas por ela através de marcas discursivas e impressões que significavam, mas também ressignificavam um dizer anterior. Respondendo diretamente a questão-problema, pode-se dizer que as posições-sujeito ocupadas pela autora se articulam ao associarem-se à mesma formação discursiva e apresentarem no discurso diferentes modos de pensar e de praticar o jornalismo. Essa articulação afeta diretamente o discurso e a construção do livro de repórter ao passo que cada PS produz e transforma sentidos.

Ao filiar-se discursivamente a duas FD é possível observar que Fabiana utiliza as diferentes PS como estratégias para trabalhar a subjetividade que defende. Cada PS produz efeitos de sentido diferente, mesmo quando narram a mesma história ou falam do mesmo

tema. Essa interação é possível observar entre as PS1 e PS3, que filiadas a FD1 informam as mesmas realidades e mesmas situações, mas de maneira diferente acabam por significar de modo distinto. É essa significação e ressignificação que constrói o discurso. A motivação para dizer de cada PS é o que as diferencia também, pois a PS7 revela os sentimentos da jornalista, produzindo sentido de questionar as teorias jornalísticas que afirmam que a isenção tem que ser objetivo do jornalista e sugere, ao fazer isso, que a repórter também possui um histórico social. Enquanto a PS4 ressignifica os sentimentos e pensamentos da repórter ao questionar, não o jornalismo, mas a sociedade, pois é ao sentir-se próxima de Joicy que Fabiana vê nela semelhanças e as mostra no discurso a fim de questionar preconceitos e acabar com a invisibilidade.

É possível identificar em todas as PS, nas duas FD, uma filiação à ideia de que a isenção e a neutralidade não deveriam ser pressupostos básicos do jornalismo. Há um sentido geral que mostra que o jornalista como um sujeito interpelado pela ideologia e sem a qual não consegue produzir o discurso, que a subjetividade é necessária e impossível de ser deixada de lado. Para Fabiana Moraes ela está relacionada à tomada de decisões, as escolhas que são feitas durante o processo de produção de reportagem. Como visto, a autora a relaciona com o ativismo, e admite que a assumir é preciso para que o jornalismo passe a representar aquela parcela da sociedade que há muito tempo é considerada desinteressante, sendo assim, esquecida e apagada.

Entender o assujeitamento e que, como sujeitos, estamos filiados a certos dizeres e ideologias, nos faz admitir que as ideias de neutralidade e isenção são utópicas e, a partir disso, nos permite atentar para essas questões durante o processo. Não se busca a partir disso a solução para todos os problemas referentes ao jornalismo e seus dizeres, pois entende-se que não há controle sobre a linguagem, mas aceita-se um modo mais profundo de ler e produzir os discursos que a ele pertencem. É compreensível que para as pessoas que veem, ouvem ou leem produtos jornalísticos ainda é difícil assimilar a noção de ideologia com credibilidade e verdade. Por isso, a produção de mais estudos na área do Jornalismo, que evidenciem essas questões, é necessária. Em vista disso, a partir dessa monografia surgem outros questionamentos como: “de que modo o discurso sobre o jornalismo é produzido pela sociedade?” ou “qual o discurso que o jornalismo produz sobre ele mesmo para a sociedade?”.

Compreendendo a crise pela qual o jornalismo passa atualmente, que faz com que as redes sociais acabam se tornando mais confiáveis do que jornais renomados, alguns outros incômodos surgem, principalmente após compreender, por meio dessa pesquisa, mais sobre

os processos discursivos. Mesmo sabendo a origem da desconfiança que grande parcela da sociedade tem em relação aos jornais (principalmente os ditos “grandes jornais”), entende-se que muito surge por causa da ideia de neutralidade e objetividade como primordiais, e o desentendimento sobre como isso não é possível. A pergunta que surge é: “como os estudos do discurso jornalístico podem contribuir para acabar com a descrença do público no jornalismo atual?”.

Importante lembrar e considerar a pesquisadora como um sujeito de ordem psicanalítica, interpelada pela subjetividade, e que ao produzir um discurso sobre outro discurso, também é atravessada pela Ideologia e possui uma condição social e histórica que direciona o seu olhar. Assim, como todos os estudos realizados utilizando AD, esta pesquisa não teve como objetivo determinar os porquês ou intenções por trás do texto, nem de definir sentidos como certos ou errados, mas estava interessada em compreender o discurso em seu funcionamento, elucidando os efeitos de sentido possíveis, contribuindo para um maior entendimento sobre o discurso jornalístico. Acredita-se que o objetivo de contribuir para um jornalismo mais humano, aberto a aceitar a subjetividade como elemento condutor no momento da produção de uma reportagem ou notícia se dá a partir do momento em que os dizeres elaborados pelos jornais é compreendido discursivamente. O movimento de sair do senso comum para chegar ao senso crítico deve ser estimulado em todas as esferas da prática jornalística. Nessa monografia procurou-se percorrer esse caminho por meio da AD, analisando um livro de repórter, de modo a colaborar com aqueles que leem o jornalismo. Mediante a perspectiva da Análise do Discurso promove-se uma reflexão sobre o jornalismo, o modo como ele está na sociedade e como fazer de seu discurso um instrumento para visibilizar sujeito, causas e lugares já apagados por esse mesmo discurso jornalístico. Se ao mesmo tempo que fala sobre a realidade social, também a compõe, ao mudar o modo de dizer sobre o mundo e a forma como ele é percebido, o jornalismo pode começar a alterar essa visão. Ao compreender os processos discursivos é possível fazê-los de outro modo, no caso do jornalismo, de forma mais horizontal – trazendo para os discursos os sujeitos que normalmente estão de fora.

9. REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: As técnicas do jornalismo**. Edições 4. ed. São Paulo, 1990.
- BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, p. 107-122, 2007.
- _____. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, n. 15, p. 13-28, 2008.
- BENETTI, Marcia; JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. Brasília: Compós, 2001.
- BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva**. Linguagem: estudos e pesquisas, v. 15, n. 1, 2011.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. Campinas, Edições 2, 2004.
- CAMPO, Amanda; DELANOY, Claudio Primo. **Análise de discurso enquanto teoria-metodológica para estudos em comunicação: possibilidades e deslocamentos de olhares sob sujeitos, enunciados e contextos**. Intexto, n. 47, p. 251-267, 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual**. Gêneros: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, p. 13-41, 2004.
- DE OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves. **Uma reflexão teórica sobre o furo de reportagem a partir da lógica de distribuição de conteúdos das agências de notícias nacionais no interior dos conglomerados de mídia**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 584-595, out. 2014. ISSN 1984-6924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p584>. Acesso em: 15 maio 2020.
- EICHLER, Vivian Augustin; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **A crítica das práticas em O nascimento de Joicy: o jornalismo como vocação no livro de repórter**. In: MAROCCO, B.; ZAMIN, A.; SILVA, M. (orgs.). Livro de repórter: autoralidade e crítica das práticas. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019. p. 321-345.
- FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem**. Summus Editorial, 1986.
- FERREIRA, Leandro. MC (coord.). **Glossário de Termos do Discurso**, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **As formações discursivas** In: ____ (orgs.) A Arqueologia do Saber. Edições 8, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p.47.
- GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto. **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. In: **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 2007. p. 173-173.
- GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito**. In: FERREIRA, A. (orgs.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 1-11.

INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: Ela Ainda Merece Que Lutemos Por Ela Por Ela? *In: SEMINÁRIO DE ESTUDO DE ANÁLISE DE DISCURSO*, 2, 2005. **Anais II SEAD** Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>. Acesso em: 18 nov. de 2019.

LAGE, Nelson. **A reportagem**. Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis, 1979.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Edições 4. Barueri, 2009.

MAROCCO, Beatriz. **A contribuição dos repórteres para uma compreensão dos discursos jornalísticos sobre marginalidade**. *Comunicação & Sociedade*, v. 34, p. 37-56, Jul./Dez. 2012.

_____. **Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas**. *Revista Contracampo*, n. 22, p. 116-129, 2011.

_____. **Os procedimentos de controle e a resistência na prática jornalística**. *Galáxia* (São Paulo), n. 30, p. 73-85, 2015.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; SILVA, Marcia Veiga da (orgs.). **Livro de repórter autorialidade e crítica das práticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Arquipelago Editorial Ltda, 2015.

_____. **Para que serve um jornalismo de subjetividade?** *In: MAROCCO, B.; ZAMIN, A.; SILVA, M. (orgs.). Livro de repórter: autorialidade e crítica das práticas*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019. p. 413-434.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, 1985.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom, 2005. p. 1-16. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>> Acesso em: 15 maio 2020

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Pontes, 2012.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**, 3ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.

_____. **Análise de Discurso**. *In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-31.

_____. **A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica**. *Com Ciência-Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296&tipo=1> a. Acesso em: 28 de maio de 2020.

_____. **Silêncio e implícito (Produzindo a Monofonia)**. *In: GUIMARÃES, Eduardo*

(Org.). História e sentido na linguagem. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 39-46.

PACHECO, Roni Petterson de Miranda et al. **A discursivização do indígena nos jornais impressos da Amazônia legal**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

PÊCHEUX, Michel. **A Análise de Discurso: Três Épocas** (1983) IN GADET, F. HAK, T. (Org.). Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 313.

_____. **Análise Automática do Discurso** (AAD- 69) Trad. Eni Orlandi. In: F. Gadet & T. Hak (orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 19, p. 7-24, 3 nov. 2012.

_____. **O Discurso - estrutura ou acontecimento**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, Edições 2. Campinas, 1995.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Péricles Cunha. Campinas: Unicamp, 1997, pp 163-235.

SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 17 abril 2020

SCHWAAB, Reges Toni. **Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos da análise do discurso**. Em Questão, v. 13, n. 1, p. 11-23, 2007.

_____. **Uma ecologia do jornalismo: o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Edições 2. Florianópolis, 2005.

VINHAS, Luciana Iost. **O sujeito, ainda: o ser falante e a análise do discurso**. V Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Anais do V SEAD—seminário de Estudos em Análise do Discurso, Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/5SEAD/SIMPOSIOS/LucianaIostVinhas.pdf>. Acesso em: 06 de julho de 2020.

ZAMIN, Angela. **“Livros de repórter”, saberes de entremeio: relatos jornalísticos sobre a cobertura de conflitos**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 8, n. 2, p. 389-405, 2011.